

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

RICARDO AURELIO MADEIRA MARINHO

EZEQUIEL 38-39: PROTOAPOCALÍPTICA NO EXÍLIO?

São Leopoldo

2016

RICARDO AURELIO MADEIRA MARINHO

EZEQUIEL 38-39: PROTOAPOCALÍPTICA NO EXÍLIO?

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M383e Marinho, Ricardo Aurélio Madeira  
Ezequiel 38-39 : protoapocalíptica no exílio? / Ricardo Aurélio Madeira Marinho ; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo: EST/PPG, 2016.  
71p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) — Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Bíblia. Ezequiel 38-39 – Crítica, interpretação, etc. 2. Literatura apocalíptica . 3. . I. Schmitt, Flávio. II. Título.

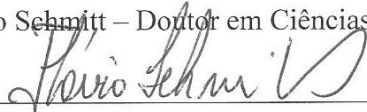
RICARDO AURELIO MADEIRA MARINHO

**EZEQUIEL 38-39: PROTOAPOCALÍPTICA NO EXÍLIO?**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

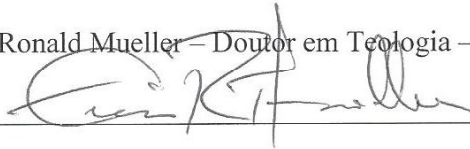
Data de Aprovação: 20 de janeiro de 2016.

Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – EST (Presidente)



---

Enio Ronald Mueller – Doutor em Teologia – EST



---



À Pabliane, Elana e Diele.

Às amigas Thaís Cesar, Blanches de Paula e Suely Xavier.  
Aos amantes do enigmático e misterioso mundo das revelações.



“Não haverá mais tristeza, dor, nem sofrimento.  
Todas as coisas passadas ficarão no esquecimento.  
Não terá mais o invejoso. Acabará o ciumento.  
Pros malvados, o futuro será de muito tormento.”

Adelino Cordeiro (lavrador)





## AGRADECIMENTOS

À Deus, o princípio e o fim de todas as coisas e pelo qual temos esperança.

À minha esposa Pabliane; minha família João, Socorro, Joina (sempre me ajudando nos momentos de aperto) e Fernando; minha família de coração Júlia, Júlio, Wilson e Vanessa; minha sogra Laura e meus cunhados Pablo e Mariana, tios, tias, primos e primas, por todo apoio na caminhada. Obrigado por entenderem, mesmo não gostando muito, a ausência em momentos tão importantes e simples da convivência com quem nos ama.

Ao meu primeiro orientador Carlos Dreher, pelos primeiros passos, pela acolhida e pelos conselhos valorosos. Ao amigo Flávio Schmidt, orientador de última hora, mas não menos importante, obrigado pela paciência com meus “sumiços” e pelas sempre equilibradas palavras regadas a muita pizza.

Agradeço aos professores e professoras do curso de Pós-graduação da Escola Superior de Teologia pelos novos horizontes teológicos, em especial os Profs. Remi Klein, Valério Schaper, Verner Hoefelmann. Especialmente sou grato ao professor Iuri Andreas Reblin, que sempre foi um incentivador em relação ao futuro acadêmico e à professora Marie Krahn, uma fonte de inspiração para os meus estudos em hebraico.

A todos os funcionários e funcionárias da Faculdades EST, em especial Caroline Motta, Dilceu Witzke, Sabrina de David, Leonice Leal e Marta Prado. O mesmo carinho segue para o pessoal da Lanchest, que sempre me proporcionou mais que alimentação, mas o aconchego típico do gaúcho, nas pessoas de Marta e Babi.

Aos colegas de turma, desde os primórdios Ademilson, Alisson Barateli, Carla Souza, Clodoaldo Tavares, Jeová Vilanova, Jonas Santin e Marcos Pereira, grande companheiro de hospedagem. Éramos oito naquele verão de 2014 e juntos fomos muito felizes nos semestres que se seguiram. Obrigado pela parceria!

Aos amigos do trabalho que sempre compreenderam as dificuldades da caminhada e prontamente ajudaram quando de ausências e dificuldades. Em especial à Andrea Macedo, que como chefe, liberou as licenças necessárias para as viagens ao Rio Grande.

Aos amigos e irmãos de caminhada cristã, meus sinceros agradecimentos pelo incentivo, em especial Eline e Micael, a família deste em Panambi-RS, que

sempre me acolheu com carinho; aos compadres Emanuel e Thais, principalmente pelo ouvido, nos primeiros passos do mestrado; ao pastor Jânio Cesar e Vânia Barbosa, pelas orações e cuidado comigo.

Muito obrigado a todos/as!

## RESUMO

A profecia de Ezequiel sobre a guerra contra Gog, nos capítulos 38-39, revela um cenário apocalíptico de uma guerra mundial, com muita morte e destruição. Esta narrativa recheada de elementos supostamente apocalípticos é destacada do restante do livro do profeta. A presente dissertação procura realizar uma pesquisa bibliográfica exploratória, que tem por objeto analisar se há traços de literatura apocalíptica nos capítulos 38-39 de Ezequiel, com a finalidade de compreender se estes capítulos constituem textos protoapocalípticos formulados pela comunidade de sustentação do profeta. Para demonstrar isso, organizamos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o conceito e as características da apocalíptica. Em seguida, procuramos diferenciá-la da profecia, apresentando suas origens e a possibilidade da existência de uma protoapocalíptica. No segundo capítulo, descrevemos um pouco da profecia de Ezequiel, sua relação com o exílio, a origem e o conteúdo do livro, além do processo de formação e estruturação dele. Explicamos como camadas textuais foram acrescentadas de modo a promover uma unidade literária ao livro. Ao final, exploramos as temáticas do livro e sua relação com a apocalíptica. No terceiro e último capítulo, analisamos as principais teorias sobre os traços de apocalíptica em Ezequiel, baseadas nos capítulos 38 e 39 do livro. Para isso, apresentamos, brevemente, nos capítulos em questão, os principais comentários sobre os mesmos e os argumentamos, conforme os quais, julgamos que este texto tenha características apocalípticas. Nosso objetivo é apontar que a existência desse texto é a prova do nascimento da literatura apocalíptica.

Palavras-chave: Ezequiel. Apocalíptica. Protoapocalíptica.



## ABSTRACT

The prophecy of Ezekiel about the war against Gog, in chapters 38-39, reveals an apocalyptic scenario of a world war, with much death and destruction. This narrative filled with supposedly apocalyptic elements stands out from the rest of the book of the prophet. This thesis seeks to carry out an exploratory bibliographic research with the goal of analyzing if there are traces of apocalyptic literature in chapters 38 and 39 of Ezekiel, with the aim of understanding if these chapters constitute proto-apocalyptic texts formulated by the community that sustained the prophet. To demonstrate this we organized the work into three chapters. In the first chapter, we present the concept and the characteristics of apocalyptic. We then proceed to seek to differentiate that from prophecy, presenting its origins and the possibility of the existence of a proto-apocalyptic. In the second chapter we describe a little of the prophecy of Ezekiel, its relation to the exile, the origin and the content of the book, besides its process of formation and structuring. We explain how the textual layers were added so as to promote a literary unity to the book. At the end we explore the themes of the book and their relation to the apocalyptic. In the third and last chapter we analyze the main theories about the traces of apocalypics in Ezekiel based on the chapters 38 and 39 of the book. For this we briefly present the main commentaries about these chapters and we argue that according to these we judge that this text has apocalyptic characteristics. Our goal is to prove that the existence of this text is the proof of the birth of apocalyptic literature.

**Keywords:** Ezekiel. Apocalyptic. Proto-apocalyptic.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 LITERATURA APOCALÍPTICA – CONCEITO E CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>21</b>
1.1. Literatura apocalíptica - conceito .....	21
1.2. Literatura apocalíptica - características .....	28
1.2.1. Crise.....	29
1.2.2. Resiliência.....	29
1.2.3. Esperança .....	31
1.3. Literatura apocalíptica e profecia - diferenças .....	32
1.4. Literatura apocalíptica – origens e desenvolvimento histórico.....	34
1.5. Literatura protoapocalíptica – a origem antes da origem.....	37
2.1 O mundo de Ezequiel .....	39
2.2. O ambiente social do Levante no exílio .....	40
2.3. Ezequiel e sua mensagem.....	44
2.4. Conteúdo e estruturação do livro.....	46
2.5. Origem e formação do livro.....	48
2.6. Temática do livro.....	51
<b>3 A LIBERTAÇÃO CÓSMICA DE ISRAEL DESCRITA EM EZEQUIEL 38-39.....</b>	<b>53</b>
3.1 O texto e suas características apocalípticas.....	53
3.1.1 Comentários sobre Ezequiel 38-39 .....	53
3.1.2 O processo de formação de Ezequiel 38-39 .....	56
3.1.3 Traços da literatura apocalíptica em Ezequiel 38-39.....	57
3.2 O texto como exemplar da protoapocalíptica.....	60
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>





## INTRODUÇÃO

O interesse pela apocalíptica, antes restrito aos estudiosos do círculo acadêmico teológico, gradativamente vem sendo despertado fora dele, basicamente em função da suposição de que esta abordagem pode revelar aquilo que seriam os acontecimentos dos últimos dias, isto é, sobre o fim do mundo.

Talvez por estamos em um patamar civilizatório que exauriu boa parte de seus recursos naturais, que possui armas capazes de promover a destruição em massa do planeta por várias vezes, e que vive a era do terror religioso, a possibilidade do fim do mundo parece algo que está em nossas portas.

Desta forma, a “literatura do fim do mundo” acabou por ser bastante difundida na denominada “cultura pop”. Nos dias hodiernos, temos vários livros tentando “desvendar” como serão os últimos momentos da Terra e de seus habitantes. Filmes com bastante apelo comercial também foram feitos, inclusive, sobre a destruição da Terra. Desde séries mais religiosas e patrocinadas por igrejas evangélicas americanas como *Deixados para trás*, passando por produções mais seculares como *The Leftovers* até *blockbusters* como *Armageddon*, com enredos nos quais mais uma vez os americanos salvam a Terra de um asteroide que ameaçava colidir com ela e causar sua destruição.

Aos estudiosos acadêmicos, o interesse pela apocalíptica se deu pelas características singulares do gênero literário, já que este é bem diferente dos demais que compõem a Bíblia. Esta categoria textual se caracteriza basicamente por ser uma narrativa fantástica e enigmática de fatos presentes ou futuros, contados, provavelmente, para que um determinado público entendesse o que ali estava escrito.

No seio dos estudos acadêmicos sobre a apocalíptica, a teologia cristã começou a classificar certos livros da Bíblia como sendo de literatura apocalíptica, isto é, são “livros de revelação”, mesmo que não possuam este nome. Dentre os mais conhecidos está o de Daniel, no Antigo Testamento, e o próprio Apocalipse, no Novo Testamento. No entanto, diversos outros trechos de livros da Bíblia possuem o que se poderia denominar de “traços da literatura apocalíptica”.

É o que pensamos sobre o livro de Ezequiel. Por ser um livro que desperta certo interesse dos pesquisadores, possuindo partes consideradas muito obscuras, chamou-nos atenção o fato de que uma parte dele é citada pelo livro do Apocalipse,

mormente os capítulos 38 e 39, quando se refere aos personagens de Gog e Magog. No que pese este livro ser considerado um exemplar da literatura profética, pois fora escrito quando do exílio do povo de Israel na Babilônia.

Apesar de ser considerado profético e de possuir uma unicidade literária, os capítulos 38-39 estão aparentemente deslocados dessa unicidade. Tal fato se configura como algo estranho, uma vez que a literatura profética produzida no exílio não dispunha de elementos apocalípticos e nem parecia se interessar por este assunto. O que concebe então, é que, supostamente, esses trechos de Ezequiel parecem genitores de uma literatura tipicamente apocalíptica, fato especial para a época do profeta, durante o exílio de Israel.

Esta peculiaridade dos referidos capítulos frente à literatura predominante da época, é algo que carece de estudos mais aprofundados e daí o motivo da pesquisa: poder apresentar, mesmo que num deslinde, material de estudo sobre o tema e instigar a realização de outros estudos para investigar a possibilidade da existência de uma protoapocalíptica na literatura bíblica no período do exílio.

Assim, esta pesquisa realiza uma análise da narratividade do gênero da apocalíptica, mormente os capítulos 38-39 de Ezequiel, com a finalidade de compreender se estes constituem textos protoapocalípticos formulados pela comunidade de sustentação do profeta.

Sobre Ezequiel, cabe salientar que ele exerceu seu ministério profético no período que vai de 593 a 571 a.C. Deportado do Reino do Sul, profetizou junto aos exilados na Babilônia durante um fato primordial na história de Israel: a queda de Jerusalém. Num sentido amplo, o livro de Ezequiel, um profeta do exílio, trata de questões que versam sobre a destruição de Israel como castigo divino e a sua restauração, no futuro, como fruto da misericórdia divina e da aliança de Yahweh com o povo.

Porém, a referida base temática do livro revela-nos uma questão mais profunda: porque os capítulos 38-39 de Ezequiel – que tratam de uma guerra cósmica num futuro distante contra um inimigo fictício - estão entremeados num livro que dispõe sobre o período de exílio do povo israelita? Como a literatura profética, predominante na época, acolhe e dialoga com essa narrativa fantástica? Esses trechos teriam sido inseridos após a redação das profecias pela comunidade de sustentação do profeta? Seriam os capítulos 38-39, uma espécie de código secreto

para a comunidade de sustentação do profeta, assim como outros textos apocalípticos?

Desta feita, a referida tese permeia a suspeita de que os capítulos em estudo são camadas literárias apocalípticas, mesmo que ainda incipientes, isto é, trata-se de textos que relevam o alvorecer, os primeiros traços do gênero. Assim, pode ser que tenham sido inseridos com o intuito de aproximar esse livro de leitores mais recentes, num processo de retro-influência.

Procuramos demonstrar a hipótese supracitada especialmente no último capítulo. O primeiro capítulo está dedicado à conceituação da apocalíptica, fundamental para esse trabalho. A conceituação é bastante ampla. Procuramos nesse momento da escrita apresentar o conceito e as características da literatura apocalíptica. *A posteriori*, visamos diferenciá-la da literatura de profecia para que ficassem evidentes os elementos distintivos da apocalíptica. Em relação a esta, procuramos apresentar suas origens e a possibilidade da existência de uma protoapocalíptica.

No segundo capítulo, descrevemos um pouco da profecia de Ezequiel, sua relação com o exílio, a origem e o conteúdo do livro. Explicamos como se deu o processo de formação do livro, passando por várias etapas da composição. Enfatizamos como a colocação de camadas textuais foi primordial para promover uma unidade literária ao livro. Ao final, exploramos as temáticas do livro e sua relação com a apocalíptica embrionária.

Concluimos as análises deste trabalho no terceiro capítulo, dedicado a apontar e comentar o suposto texto apocalíptico de Ezequiel 38 e 39. Para isso, apresentamos brevemente os capítulos em questão, os principais comentários sobre os mesmos, destacando quais as características da tradição apocalíptica estão presentes neles, mediante embasamento nos argumentos segundo os quais julgamos que este texto tenha características apocalípticas.



# 1 LITERATURA APOCALÍPTICA – CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

## 1.1 Literatura apocalíptica – conceito

Nas sociedades contemporâneas, a palavra apocalipse sempre nos remete à ideia de catástrofes e eventos que culminarão no fim do mundo que conhecemos. Em sua origem, no entanto, o significado não tinha muito a ver com esse tipo de pensamento. Quanto à semântica, a palavra grega vem da fusão de outras duas (*apó* e *kalýpto*), que “desvelar”, “retirar o véu”, “descobrir”, “desocultar”.

Segundo Airton José da Silva, foram os tradutores da Septuaginta que utilizaram a palavra *apokálypsis* para traduzir o hebraico *gâlâh*, que tem o significado de “revelar”. Assim, literalmente, apocalipse significa a revelação de algo que até então estava escondido.<sup>1</sup>

Diante do significado da palavra, questiona-se de onde vem a associação entre apocalipse e a ideia de fim de mundo? No âmbito histórico, coloca-se que, geralmente, esta forma de pensamento está associada aos eventos descritos no livro bíblico do Apocalipse.

Apesar de ser bastante conhecido, o Apocalipse de João, que está na Bíblia dos cristãos, não é o único exemplar do que se denomina de “literatura apocalíptica”. Aliás, o Apocalipse de João não foi o único apocalipse escrito pelos cristãos, apesar deste ser o mais conhecido por eles.<sup>2</sup>

Além disso, ao contrário do que muitos pensam, este tipo de literatura não se inicia no Cristianismo e, muito menos, é tão recente assim.<sup>3</sup> Pelo menos 200 anos antes do Apocalipse de João ser escrito, já existia uma literatura com características semelhantes às do livro de João.

---

<sup>1</sup> SILVA, Airton José da. Paideia grega e apocalíptica judaica. *Estudo Bíblicos*, v. 29, n. 113, jan./mar. São Paulo: Vozes, 2012. p. 14.

<sup>2</sup> Johann Maier fala também de 4 Esd e Barsir. Em MAIER, Johann. *Entre dois testamentos – história e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 132.

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento de como, não só os judeus e cristãos enxergavam o “fim último das coisas”, ver a obra de Norman Cohn, *Cosmos, caos e o mundo que virá*. Nesta obra, o autor coloca como egípcios, sumérios, babilônios, indo-iranianos, hindus e cananeus passaram de uma visão de cosmos em conflito causado pelas forças do caos, com a intervenção de guerreiro soberano que punha ordem em tudo, para uma visão da existência de um conflito final entre o deus supremo e suas forças e as forças do caos, com uma exterminação eterna deste último, uma concepção típica do zoroastrismo.

A literatura apocalíptica, portanto, é a forma de utilização da linguagem que coloca os apocalipses como um gênero literário, isto é, obras literárias cujos traços possuem características de semântica, formas e contextos semelhantes.

No entanto, antes de falarmos em literatura apocalíptica, é necessário que investiguemos o que venha a ser apocalíptica. O termo, atualmente muito usual, possui diferentes acepções que vão, segundo John J. Collins, desde uma “forma literária particular de literatura de revelação até uma filosofia de vida prevalente no período intertestamental.”<sup>4</sup>

Em outro momento, Collins também esclarece a existência de um gênero literário apocalíptico<sup>5</sup>, que é diferente do apocalipticismo como ideologia social e de uma escatologia apocalíptica.<sup>6</sup> De qualquer sorte, temos que a maioria dos autores da área concorda que a apocalíptica, seja como gênero literário, seja como ideologia social, seja como teologia, diz respeito ao futuro.<sup>7</sup> E neste aspecto, são comumente confundidos com outro gênero literário: a profecia.

Na época em que foram escritos, aquilo que denominamos de apocalipses não havia sido reconhecidos como tais. Alguns apocalipses eram conhecidos como profecia, e livros como o de Daniel provam que estes dois gêneros literários

<sup>4</sup> COLLINS, John J. *Escatologia apocalíptica como a transcendência da morte*. Religião de visionários – apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo, 2005. p. 82.

<sup>5</sup> Lembrando que estas classificações são feitas pelos estudiosos modernos da ciência literária. Os autores, à época, nem faziam ideia de que escreviam algo com características de um gênero literário. No dizer de Bruce Vawter, “*the ancient writer was not precisely conscious of writing in a ‘literature form’, aside, of course, from such obvious genres as prose or poetry, part of the mechanics common to all literatures. His lack of conscious advertence makes the literary forms no less definable and applicable, but it should also remind us that his own appreciation of his work ought to be consulted in forming the definition. What the writer was aware of was that he wrote within a particular tradition: it is this that largely decide the literary form to which we have given a name. He was a Deuteronomist, a priestly writer, a follower of the sages, an anthologist of the prophets, or the like*”. Tradução própria: “o escritor antigo não estava consciente da escrita como uma “forma de literatura”, e também, de gêneros como prosa ou poesia, parte da mecânica comuns a todas as literaturas. Sua falta de consciência faz com que as formas literárias não sejam perfeitamente definíveis e aplicáveis, mas também devemos nos lembrar que a própria apreciação do seu trabalho deveria ser consultada na formação da definição. O que o escritor conhecia era que ele escreveu dentro de uma tradição particular: isso que, hoje, decidimos que seria uma forma literária a qual demos um nome. Ele era um deuteronomista, um escritor sacerdotal, um escritor de sagas, um antologista dos profetas, ou similar”. Em *Apocalyptic: its relation to prophecy*. The Catholic Biblical Quarterly. v. 22. Washington DC: 1960. p. 33.

<sup>6</sup> COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica – uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 18.

<sup>7</sup> Teresa Okure prefere denominar a apocalíptica como “um fenômeno relativo ao fim dos tempos em escala cósmica”. Por isso, segundo ela, como é difícil visualizar um fim dessa forma, os autores apocalípticos utilizam símbolos para descrever como será esse fim. Em OKURE, Teresa. *Do Gênesis ao Apocalipse: a apocalíptica na fé bíblica*. Revista Concilium. n. 277-1998/4, São Paulo: Vozes, 1998. p. 29-30.

estiveram bricolados durante um período<sup>8</sup> até que a apocalíptica fosse autônoma suficiente, com forma e conteúdo próprios.

Ghelli explica melhor essa bricolagem:

Encontramos motivos apocalípticos antes do II a.C. nos profetas, e alguns textos genuinamente apocalípticos alcançaram o status do cânon nos profetas e nos escritos, este é o caso das visões noturnas de Zacarias, o apocalipse de Isaías (Isaías 24-27) e especialmente o livro de Daniel, entre outros.<sup>9</sup>

Para Collins, a apocalíptica é herdeira direta do profetismo ao assumir seus traços.<sup>10</sup> Ao mesmo tempo, dele se distanciou no momento em incorporou a perspectiva universal e escatológica.<sup>11</sup>

Collins também advoga que a apocalíptica tenha raízes na profecia, porém, estabelece outro ponto de vista sobre o assunto. Enquanto a expectativa de futuro dos profetas se relacionava com a nação, os apocalípticos esperavam por outro futuro:

A literatura apocalíptica é marcada pelo *pseudonimidade* e suas revelações são mediadas por visões e sonhos numa extensão mais ampla do que é o caso nos escritos proféticos. Esses artifícios literários diminuem a imediaticidade das visões apocalipsistas. Como resultado, as visões parecem transmitir informações sobre um futuro predeterminado em lugar de um chamado existencial ao arrependimento.<sup>12</sup> (grifos do autor).

Essa pseudonímia, isto é, a não revelação do verdadeiro autor, leva a uma característica instigante nos escritos apocalípticos: a atribuição da autoria a vultos heroicos do passado.

<sup>8</sup> Collins se utiliza de Alastair Fowler para determinar que todo gênero literário possui fases de desenvolvimento. As fronteiras entre essas fases não são explícitas, por isso é comum a sobreposição de uma fase sobre a outra. Daí Collins conclui que a apocalíptica não é uma mutação da profecia, mas que, como gênero em desenvolvimento, se utilizou de características da literatura profética até alcançar uma autonomia. Ver COLLINS, 2010, p. 21.

<sup>9</sup> GHELLI, Leônidas Ramos. *A influência da apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós*. Dissertação. São Leopoldo: EST/PPG, 2013. p. 17.

<sup>10</sup> Segundo Airton José da Silva, os judeus sempre consideraram importante para a comunicação com Yahweh, a existência dos profetas. No entanto, a partir do século II a.C. a profecia começa a silenciar, muito porque os próprios profetas predisseram que sua era seria substituída pela era messiânica. Após o exílio, os judeus esperavam que a reconstrução do Templo culminasse com vinda do Messias. Porém, o Templo foi utilizado para oprimir ainda mais o povo e não o libertar, como previam os profetas. Assim, com a falência da profecia, sua marginalização por aqueles que controlavam o Templo e a não chegada do tão esperado Messias, começa a ganhar corpo uma literatura marginalizada de profetas carismáticos que, desde muito antes, no pré-exílio, com a escatologia profética e não apenas com esta, começam a enveredar pelo caminho da apocalíptica (2012, pp. 14-15).

<sup>11</sup> GHELLI, 2013, p. 16-17.

<sup>12</sup> COLLINS, 2005, p. 83.



Este herói do passado se comunica com Deus assim como os profetas se comunicavam. No entanto, em vez de sua mensagem se fazer ecoar nas ruas e lugares sagrados, o comunicado era “segredo”, dirigido a um público específico. Assim, o apocalíptico é alguém que recebe um “segredo” de Deus, segredo este que não pode ser compartilhado às pessoas comuns, apenas a outros que estão preparados, e por isso, podem compreendê-lo perfeitamente.

A própria fórmula de revelação já denota um ar de *mysterium tremendum*, para ficarmos com a expressão de Rudolf Otto<sup>13</sup>. Geralmente durante a revelação, o apocalíptico recebe o acompanhamento de um ser celestial; nos dizeres de Ghelli, “um ente angelical que possibilitará, através da interpretação, a compreensão da mensagem ou visão revelada ao apocalíptico.”<sup>14</sup>

Deus não pode ser visto pelos humanos sem que estes sucumbam mortalmente diante dele. Este aspecto do abismo entre Deus e os homens é visto tanto em viagens ao mundo celestial, quanto em visões aqui na terra. O mistério profundo de Deus, o “segredo”, não pode ser revelado sem o intermédio de alguém que interprete a revelação divina aos homens.

O conteúdo desta comunicação também é algo herdado da profecia.<sup>15</sup> Na maioria dos escritos apocalípticos, o conteúdo é escatológico. No entanto, enquanto a escatologia dos profetas referia-se mais a esta terra, a escatologia dos apocalipses é afeita ao além-terra.

Collins deixa claro que a expectativa futura dos profetas “se focava na vida da nação. Se eles profetizavam salvação ou perdição, o assunto era a paz e a prosperidade de Israel.”<sup>16</sup> Ele não descarta a existência de escritos cosmológicos na literatura profética, especialmente a pós-exílica; no entanto, para os profetas, Deus se revelava através da história de Israel.<sup>17</sup>

A escatologia apocalíptica advoga que Deus irá além da história. Assim, os eventos do fim dos tempos são meta-históricos, a ponto de Ghelli declarar que “na apocalíptica a escatologia se exaspera até o limite.”<sup>18</sup>

<sup>13</sup> OTTO, Rudolph. *O Sagrado*. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 44.

<sup>14</sup> GHELLI, 2013, p. 19.

<sup>15</sup> Para Collins, este ponto de vista se assemelha a uma forma de mitologia. Os apocalípticos, segundo ele apresentam sua mensagem como eles entenderam, no entanto, estas mensagens sempre envolvem batalhas cósmicas, seguindo a cosmovisão de que o destino da humanidade é decidido nos céus, recheados de serem poderosos lutando entre si. Ver COLLINS, 2005, p. 90-91.

<sup>16</sup> COLLINS, 2005, p. 84.

<sup>17</sup> COLLINS, 2005, p. 90.

<sup>18</sup> GHELLI, 2013, p. 19.

Em resumo, a escatologia profética não vê o fim dos tempos, mas sim um novo tempo, uma nova terra, um novo céu. A escatologia apocalíptica, todavia, vê a catástrofe cósmica, isto é, o juízo de Deus e a aplicação de sua salvação. Faz-se imprescindível destacar que estes últimos despertam dois sentidos: urgência e esperança.

Para Collins, cabe um olhar mais profundo acerca do supracitado. Ele ressalta que, apesar de alguns textos apocalípticos tratarem de um fim definitivo e de duas eras distintas da humanidade<sup>19</sup>, a escatologia apocalíptica residia, de fato, na ideia da transcendência da morte. Vejamos:

Em Daniel essa elevação é o resultado, ao mesmo tempo, de um julgamento e de uma batalha finais. É, então, uma vindicação dos justos. No tempo em que Daniel foi escrito, essa vindicação era necessária especialmente para os justos martirizados, que tinham perdido suas vidas em função de sua fé. A promessa de elevação mostrava que essa perda não era tão absoluta quanto parecia, pois os justos eram elevados para uma forma de vida mais alta, eterna.<sup>20</sup>

Essa transcendência da morte pode ser concluída em função da literatura apocalíptica enfatizar os céus como campo de decisão do destino humano. Então, se é no céu que se decide o meu destino, nada mais coerente que eu seja elevado, após os sofrimentos e a morte, aos céus por meio da ressurreição, e todas as minhas agruras de vida aqui na terra sejam recompensadas com uma nova vida eterna ao lado daquele que me salvou.

Daí a importância de a literatura apocalíptica ter se consolidado entre outros gêneros. Se há uma esperança de vencer a morte e ir morar nas regiões celestes, então é saber necessário como é o céu. E mais fundamental ainda é saber o que fazer para chegar até lá. Por isso J. J. Collins antecipa que o padrão lógico de pensamento da literatura apocalíptica é que a experiência na vida presente e a esperança numa vida futura estão intimamente conectadas e se retroalimentam.<sup>21</sup>

Outro autor, Dionísio Oliveira Soares, conceitua a apocalíptica sobre três pontos: conflito, escatologia e universalismo:

A história humana e a cósmica pertencem conjuntamente a um desdobramento do grande e dramático conflito entre Reino de Deus e Reino de Satanás [...]. O triunfo de Deus está assegurado e junto com ele o triunfo de seu povo. Essa vitória se alcançará não por desenvolvimento natural,

---

<sup>19</sup> COLLINS, 2005, p. 85-88 e p. 88-89.

<sup>20</sup> COLLINS, 2005, p. 95.

<sup>21</sup> COLLINS, 2005, p. 104.

mas por revolução ou, preferivelmente, por uma intervenção catastrófica e sobrenatural.<sup>22</sup>

Klaus Koch distingue apocalipse de apocalíptica.<sup>23</sup> Para ele, O apocalipse seria um macrogênero com vários gêneros literários que o compõem. Já A apocalíptica seria um movimento intelectual.<sup>24</sup>

Paul Hanson, assim como J. J. Collins, propôs uma distinção tríplice entre apocalipse, escatologia apocalíptica e apocalipsismo. O apocalipse seria o gênero literário, a escatologia apocalíptica seria a cosmovisão (perspectiva) e o apocalipsismo o movimento social (ideologia<sup>25</sup>).<sup>26</sup>

Paul Hanson, citado por Airton José da Silva, declara que a apocalíptica é a mitologização da escatologia. Ele pontua:

A escatologia profética se transforma em apocalíptica no momento em que se renuncia à tarefa de traduzir a visão cósmica para as categorias da realidade do mundo [...]. Pois, em sua forma traduzida, o mito falava de uma salvação adquirida em nível temporal, cósmico, que oferecia um escape desta ordem caída para uma nova criação que fazia a pessoa voltar para a segurança do estado primevo da natureza antes de sua queda na corrupção e mudança. Gradualmente os descendentes pós-exílicos dos profetas cederam a essa tentação e assim abdicaram do seu ofício político de integrar a mensagem ao âmbito político histórico.<sup>27</sup>

<sup>22</sup> SOARES, Dionísio Oliveira. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*. Revista Horizonte. v.1, n. 1, 1º sem. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1997. p. 101-102.

<sup>23</sup> O artigo foi primeiramente publicado como *The Rediscovery of Apocalyptic*. Naperville: Alec R. Anderson, 1972.

<sup>24</sup> KOCH, 1983, p. 20-29.

<sup>25</sup> SOARES, 1997, p. 103-105.

<sup>26</sup> Dionísio Oliveira Soares explica que, para Paul Hanson, a escatologia apocalíptica enxergava este mundo sob a perspectiva de um outro mundo vindouro que, necessariamente, teria que destruir este. Assim, a história humana é dividida em duas partes: a primeira é esta que vivemos e é má, e a segunda, será a da paz, justiça e santidade, a vindoura. O movimento social do apocalipsismo era a ação concreta dessa cosmovisão, isto é, era um movimento de protesto, geralmente realizado ou por um grupo oprimido por outro dentro da mesma sociedade ou por um poder externo, de outra nação. Esse universo simbólico criado pelos apocalipsistas era visto por alguns como uma fuga da realidade.

<sup>27</sup> SILVA, 2012, p. 15-16. Sobre este escape vejamos o que diz E. Alan Perdomo R.: “*Cuando un pueblo sofre de una angustia tan terrible que lo hace desmayar, algo muy humano que ocurre es la búsqueda de una válvula de escape que le permita sobrellevar es peso de su aflicción. Cuando la esperanza de una mejoría social no existe o se está desvaneciendo, es entonces cuando surgen boletines, afiches, periódicos o simplemente dibujos que caricaturicen la tragedia que se vive*”. Tradução própria: “Quando um povo sofre de uma terrível angústia que o faz desmaiar, algo muito humano que ocorre é a busca de válvula de escape que lhe permita suportar o peso de sua aflição. Quando a esperança de melhoria social não existe ou está desaparecendo, é quando boletins, cartazes, jornais ou simplesmente panfletos que caricaturam a tragédia que se vive”. Em *La protesta satírica en Daniel 7: una lectura evangelica latinoamericana*. Vox Scripturae – Revista Teológica Latino-americana. v. VI, n. 2. dez. São Paulo: Editora Fiel, 1996, p.163. Mesmo pensamento parece ter D. S. Russel. Este autor encara a literatura apocalíptica como “panfletos para a época”, uma vez que como o povo não via nenhuma esperança para sua nação, historicamente falando, se viu compelido a contemplar um mundo além-história; mundo este, em

Para Gerhard von Rad, a apocalíptica não é apenas um gênero literário específico, mas algo que deveria ser melhor estudado sob o ponto de vista da história das tradições, isto é, analisar seu pertencimento ao gênero do “testamento” ou outro gênero mais antigo, que ajudou a formar outros.<sup>28</sup> John J. Collins coloca Von Rad como precursor dos estudos sobre a interligação entre a literatura sapiencial e apocalíptica. Segundo J. J. Collins, Von Rad considera a literatura sapiencial como o “*sichertes Spezifikum*” da apocalíptica, no entanto, argumentou que o interesse pela sabedoria pode ter ido além e incluído as “últimas coisas”. Uma evidência forte dessa aproximação, diz Collins, é a Sabedoria de Salomão, que, segundo o autor, teria sido composta em algum lugar próximo ao início da época da literatura apocalíptica e que por isso, esta última “pegou emprestado” alguns elementos da primeira.<sup>29</sup>

John G. Gramie coloca a apocalíptica como literatura de um bloco não monolítico. Assim, existem vários gêneros literários compondo a apocalíptica, como comunicação de visão, vaticínio *ex-eventu*, parênteses, gêneros litúrgicos, sabedoria natural, fábulas, alegorias, diálogos, enigmas, parábolas, interpretação de profecia e previsão de futuro.<sup>30</sup>

Desta forma, podemos conceituar literatura apocalíptica como uma literatura de revelação. Nesta, as revelações divinas ocorridas em situações misteriosas e enigmáticas são a principal característica do gênero. O uso de parábolas, alegorias, símbolos e numerologia aguçam o ar de “secreto”, ou, utilizando um termo moderno, criptografado, onde apenas os “iluminados”, isto é, os conhecedores da *password* literária poderiam acessar<sup>31</sup>

---

que Deus é senhor de tudo e de todos e intervém dramática e miraculosamente a fim de estabelecer a justiça. Em *Desvelamento divino – uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 35.

<sup>28</sup> RAD, G. Von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2ª ed., rev., v. 1 e 2. São Leopoldo: Targumin/ASTE, 2006, p. 738.

<sup>29</sup> COLLINS, John J. *Cosmos and salvation: Jewish wisdom and apocalyptic in the hellenistic age*. History of religions. Chicago: University of Chicago. v.17(2). 1977, pp. 121-122.

<sup>30</sup> SOARES, 1997, pp. 105-106.

<sup>31</sup> Bruce Vawter cita as “*marks of apocalyptic*” de Johannes Lindblom para descrever a essência desta literatura: “*transcendentalism, mythology, cosmological orientation, pessimistic treatment of history, dualisms, division of time into periods, doctrine of two ages, playing with numbers, pseudo-ecstasy, artificial claims to inspiration, pseudonymity, mystery, (...)* fantastic symbols, the continual intervention of angels, doctrinal thought in the guise of symbolic visions, continual intercommunication between the heavenly and the earthly, a peculiar conception of history and the apparent predestination in heaven of the events on earth”. Tradução própria: “transcendentalismo, mitologia, orientação cosmológica, o tratamento pessimista da história, dualismos, divisão do tempo em períodos, a doutrina de duas eras, jogos com números, pseudo-êxtase, pretensões artificiais para inspiração, pseudo-anonimato, misterioso, (...) símbolos fantásticos, a contínua

## 1.2 Literatura apocalíptica – características

Nogueira<sup>32</sup> nos traz uma definição do que entende ser um escrito de revelação. Segundo ele, tratam-se daqueles onde um deus se utiliza de instâncias mediadoras para revelar aos homens, algo que queria que soubessem. Nogueira insiste que os escritores desse tipo de literatura tinham consciência da alteridade da divindade, e de que ter acesso às suas mensagens e à sua visão era um processo mediado, longo, misterioso e esotérico.

De forma preponderantemente narrativa, no decorrer da literatura apocalíptica, temos algumas imagens que permeiam grande parte dos escritos de revelação, tais como:

- o mundo habitado pelos homens, na verdade, é um lugar de batalhas de seres angelicais que decidem e influenciam o destino desses homens;
- a perspectiva histórica se perde e há uma expectativa de salvação escatológica já no presente, tendo como solução, a restauração da ordem inicial das coisas;
- a crítica ao poder e àqueles que o exercem;
- a mulher possui um papel preponderante, mas dual, pois, ao mesmo tempo em que é personificada como colaboradora do mal, ela, se for virgem (estereótipo da pureza), se salvará e salvará a outros;
- perspectiva de mundo dual: forças antagônicas do bem e do mal<sup>33</sup> lutam entre si;
- a reivindicação teológica de Israel como povo eleito de Deus versus os soberanos dos grandes impérios.

Além dessas características, e apesar de ser conhecida como uma literatura do “fim do mundo” por possuir mensagens sobre o futuro geralmente associadas à catástrofes e eventos cataclísmicos, a literatura apocalíptica está associada a três conceitos fundamentais: crise, resiliência e esperança.

---

intervenção de anjos, pensamento doutrinário sob o disfarce de visões simbólicas, intercomunicação contínua entre o celestial e o terreno, uma concepção peculiar da história e da predeterminação aparente no céu dos eventos na terra” (1960, p. 35).

<sup>32</sup> NOGUEIRA, 2008, p. 14.

<sup>33</sup> A pregação do fim do mal presente nos corações humanos é temática central da apocalíptica no dizer de Teresa Okure (1998, p. 30).

### 1.2.1 Crise

À princípio, vale destacar que a literatura apocalíptica é uma literatura de crise.<sup>34</sup> Mesters traduz esta como sendo uma crise de fé e declara que o Apocalipse de João, por exemplo, foi escrito para animar o povo fiel a não desistir da luta, pois, ao final dela, iria se encontrar novamente com seu deus e com sua missão.<sup>35</sup>

Mediante outra forma de pensar, Nogueira também trabalha com a ideia de crise. Ao abordar outro texto apocalíptico muito conhecido, o livro bíblico de Daniel, ele coloca que a crise seria, em primeiro plano, uma crise de poder. A crise da relação religiosa entre judeus e selêucidas revela uma trama de determinismo e pessimismo. O futuro é visto na forma de uma batalha final e o pior sempre está por vir.<sup>36</sup>

Da mesma maneira, ainda nos dias atuais, grupos religiosos interpretam a crise (ou as crises cíclicas) como fruto da falta de observância de preceitos religiosos. Uma característica interessante decorrida disso está no fato de não haver uma solução advinda de ações humanas para a crise. A única solução final está na manifestação do sobrenatural, do agir de Deus que, claro, fará isso de maneira espetacular e assombrosa.

Assim, de forma geral, a literatura apocalíptica trabalha com o conceito de crise como crise de poder, isto é, um poder maior (o mal), se sentido desafiado por um poder menor (o bem), o qual persegue. Ademais, esta crise é vista como sendo algo necessário para o bem se manifestar no meio do caos e as características dos bons (os perseguidos) serem realçadas, principalmente a resiliência.

### 1.2.2 Resiliência

Toda perseguição a um ser humano tende a resultar duas consequências: a rendição, isto é, a capitulação ao sistema perseguidor por cooptação forçada, ou a resistência, muitas vezes até a morte, de forma a demonstrar fidelidade a princípios e ideais.

---

<sup>34</sup> Teresa Okure pontua crise e perseguição, pois entende os dois termos diferentemente (1998, p. 30).

<sup>35</sup> MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta – o Apocalipse de João: uma chave de leitura*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 16.

<sup>36</sup> NOGUEIRA, 2008, p. 58.

Na literatura apocalíptica, a ideia de resistência à perseguição é exaltada. Aliás, essa característica do “preto-branco” permeia todos esses escritos. Para ajudar os leitores a enxergarem tudo às claras e se decidirem, sem arrependimentos, a favor ou contra o sistema de poder vigente (o mal), os escritores apocalípticos não conhecem meio-termo.<sup>37</sup>

No entanto, a resistência apregoadada pelos escritores apocalípticos não é uma luta armada contra a vilania da elite opressora e má, mas sim, uma resistência pacífica que suporta todas as pressões, ou seja, trata-se de uma espécie de resiliência.

Resiliência é uma palavra tomada da física dos materiais e quer dizer que um material é capaz de reestabelecer sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora.<sup>38</sup> Num conceito mais voltado para uma situação social ou psicológica de crise, diz respeito à capacidade de lidar com ela e sua consequente pressão, e superá-las, aprendendo e sendo transformado por adversidades inevitáveis.

No caso da literatura apocalíptica, recheada de pessimismos, de cenas de destruição do mundo e dos seres humanos, de perseguições por homens e seres angelicais (os quatro cavaleiros do Apocalipse), de carnificinas causadas pela guerra, pela fome, pelas doenças e pelo pessimismo com o mundo como um todo, o contraponto é a exaltação do contraditório representado pelos aspectos de esperança.

Enquanto a maioria dos leitores e das leituras que fazemos do Apocalipse, incluindo a mídia e a cultura pop, faz sobressair estes aspectos negativos e até mesmo estéticos do mal, a mensagem passada pelos escritores parece ser justamente a de que resistir com paciência, perseverança e fé, é a melhor saída para suportar toda injustiça.

Dessa forma, a literatura apocalíptica incentiva a descoberta de saídas de reação e superação dos traumas. A questão é colocada da seguinte maneira: para nós, os bons, a vida é cheia de adversidades, e isso é inerente a ela. Assim, devemos aguentar até a morte, se necessário, para no final, sermos recompensados de alguma forma.

---

<sup>37</sup> MESTERS, 2012, p. 27.

<sup>38</sup> ROCCA L., Susan M. *Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação de adversidades*. Sofrimento, resiliência e fé – implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 10.

A esperança seria, então, essa imunização psicológica ou, como queiram alguns, uma ação potencializadora da resiliência<sup>39</sup>. Nesse sentido, a espiritualidade, ou seja, a crença, a fé em algo, ajudaria de maneira eminente na superação das adversidades. Isso acontece porque a esperança em algo forneceria certo sentido ao sofrimento.

É justamente nesta toada que a literatura apocalíptica vai: o sentido do sofrimento no agora só será enxergado ou recompensado no futuro, ao lado de Deus, por isso vale a pena resistir e não renunciar a Ele, mesmo que isto custe a vida. Em outras palavras, vale a pena sofrer e resistir com integridade porque no fim, o bem e o amor sempre vencem.

### *1.2.3 Esperança*

Parece paradoxal, porém, a literatura apocalíptica revela a esperança explorando a dor e o sofrimento. Nogueira afirma que todo o Apocalipse de João é um ruminar amargo do sofrimento humano e cósmico.<sup>40</sup> O escritor apocalíptico exalta a virtude do testemunho e da resistência até a morte – o martírio – para falar de esperança.

Na visão da abertura do quinto selo que ocorre no capítulo 6 no livro do Apocalipse, é vista essa ambiguidade ao reportar o discurso para falar da esperança. Aos mártires são dadas vestes brancas – símbolo da pureza e da dignidade – por causa de sua resiliência e mais, lhes é dito que devem esperar pela justiça divina. No entanto, há aqui um fato inusitado, devem esperar... pela ocorrência de mais mortes. Ou seja, O pior ainda está por vir.

Isto revela que, enquanto aguardam o ápice de sua fé, que nada mais é do que a ressurreição – a assunção de um novo corpo, irão visualizar mais sofrimento e mais resiliência. Parece algo catártico: quanto mais sofrimento, mais espera, e quanto mais espera, mais glória no fim.

É como se a esperança fosse alcançada após muita espera e sofrimento. Não há vida fácil para eles, o que os aguarda é uma vida repleta de desventuras sem fim, até que o bem vença, tudo acabe e seja refeito.

---

<sup>39</sup> ROCCA L., 2007, p. 11.

<sup>40</sup> NOGUEIRA, 2008, p. 95.



Essa maneira ambígua de descrever a esperança na literatura apocalíptica tem uma razão de ser. Tal simbologia era a maneira codificada de tratar situações de opressão nas comunidades cristãs onde eram lidos os livros com essas características. Nogueira nos dá uma chave de leitura dessa abordagem ao afirmar que comunidades inteiras revisitaram o Apocalipse para entender o mundo ao seu redor de maneira que a crise e a esperança na transformação radical de todas as coisas as ajudassem na hora de serem resilientes.<sup>41</sup>

### 1.3 Literatura apocalíptica e profecia – diferenças

A primeira diferença significativa entre a profecia e a apocalíptica é a passagem da mensagem particularista da profecia para uma mensagem cósmica universalista na apocalíptica.<sup>42</sup> A profecia em si, refere-se, quase que em sua totalidade, a Israel e as suas relações externas. A apocalíptica, por sua vez, apropria-se dos temas proféticos e os amplia para o mundo.<sup>43</sup> Esperava-se que o Deus de Israel se manifestasse como o Senhor do Universo.<sup>44</sup> Se para alguns as esperanças proféticas já haviam se cumprido na realidade israelita; para outros, essas esperanças ainda se cumpririam numa perspectiva universal.<sup>45</sup>

Além disso, a apocalíptica prezava pelo enigma, enquanto os profetas primavam pela clareza. Os profetas queriam ser entendidos, e por isso, falavam de forma clara e compreensiva para que fossem percebidos pelos ouvintes-leitores. Já

<sup>41</sup> NOGUEIRA, 2008, p. 108.

<sup>42</sup> Sobre esse aspecto Bruce Vawter diz: *"The difference in the apocalyptic eschaton, it is sometimes said, lies in its inauguration. Prophecy envisages a fulfillment that comes about through the normal working of God's causality. Punishment, or salvation, is administered through natural phenomena, plagues, drought, locusts, and the like, or through the instrumentality of other nations or persons. But apocalyptic fulfillment comes through Yahweh's direct and extraordinary intervention, to be a definitive end in which he takes a personal hand"*. Tradução própria: *"A diferença no eschaton apocalíptico, que às vezes é dito, reside na sua inauguração. A profecia prevê um cumprimento que ocorre sobre o normal funcionamento da causalidade de Deus. Punição, ou salvação, são administradas através de fenômenos naturais, pragas, secas, gafanhotos, e afins, ou por intermédio de outras nações ou pessoas. Mas o cumprimento apocalíptico vem através da intervenção direta e extraordinária do Senhor, para ser um fim definitivo no qual ele faz de uma maneira pessoal"* (1960, p. 39 – grifos do autor).

<sup>43</sup> De Lacy entende a visão universalista como fruto de um monoteísmo radical nascido no exílio advindo de uma releitura da pregação de que Yahweh era o único Deus de Israel. Em DE LACY, J. M. Abrego. *Os livros proféticos*. Coleção Introdução ao estudo da Bíblia. 2ª ed. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 196.

<sup>44</sup> Teresa Okure coloca como semelhança entre profecia e apocalíptica a garantia de Deus de que o descrito será cumprido (1998, p. 30).

<sup>45</sup> Werner H. Schmidt declara que *"a passagem do profetismo tardio para o apocalipsismo é fluida, de modo que não podemos determinar uma delimitação rígida"*. Em SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 277.

os apocalípticos queriam ocultar, criar um ar misterioso e enigmático. Por isso, abusavam das parábolas, das alegorias, dos símbolos e de uma confusa numerologia. É evidente que nas camadas mais antigas do Antigo Testamento os números já possuíam força. Mas os apocalípticos atribuem aos números ares indeterminados e misteriosos. Isto era usado porque a mensagem apocalíptica não devia ser compreendida por pessoas não-iniciadas. Enquanto os profetas primavam pela interpretação do sonho, da revelação; a apocalíptica gostava do oculto, do “não-revelado”.

Outra diferença crucial está em relação à temporalidade do conteúdo do escrito. O redigido dos profetas, mormente os que tratavam do exílio, foram abordados como predição de futuro. Porém, depois da destruição do Primeiro Templo e já sob os efeitos do exílio, essas predições pareciam ter sido cumpridas, isto é, o tempo da profecia terminara. Faltava, contudo, o cumprimento das promessas de salvação com a vinda do messias libertador de Israel e restaurador do culto, do Templo, e inaugurador de uma nova era futura. Dessa forma, os apocalipses apontavam para um futuro, para o fim dos tempos, algo que completaria o ciclo do princípio dos tempos.<sup>46</sup>

Asurmendi rechaça a ideia de que os apocalipses são a continuação da profecia. Ele argumenta que entre ambos existem diferenças teológicas. Com relação ao papel das visões, por exemplo. No caso dos profetas, ele diz, as visões, mesmo em Ezequiel, são bem mais simples, uma vez que, segundo ele, os textos de êxtase são acréscimos posteriores. Nos apocalipses, as visões são monstruosas, há simbolismo de cores e números, partes de animais, como os chifres, também são simbólicos, o que faz com que estas visões sejam enigmáticas.<sup>47</sup>

Ainda sobre a questão das visões, Werner W. Schmidt declara que “embora as visões representem de longe um elemento menor na tradição profética, elas têm importância constitutiva”, isto é, não pode haver profecia sem visões. São nas visões que o profeta trava um diálogo com Deus. E após esse diálogo, ele tinha que “traduzir” a visão para o povo de forma que este entendesse o recado. Ao aproximar-se da apocalíptica, entra em cena a figura angelical que passa a

---

<sup>46</sup> Bruce Vawter irá denominar essa característica de *eschaton*. Diz ele: “*With the passing away of prophecy apocalyptic, through pseudonymity, assumed the character of prophecy as an act in faith in the divine promises: the unfulfilled of prophetic oracles were now to be fulfilled in the eschaton*” (1960, p. 36 – grifos do autor).

<sup>47</sup> ASURMENDI, Jesus. *Profetismo – das origens à época moderna*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 105.

intermediar o processo de forma que não há mais o contato direto entre Deus e o profeta.<sup>48</sup>

#### 1.4 Literatura apocalíptica – origens e desenvolvimento histórico

As origens da literatura apocalíptica são comumente atribuídas ao período de dominação persa ou período pós-exílico. A fase de dominação persa (538-333 a.C.) é marcada por uma mudança na estratégia militar de dominação dos judeus. Se os babilônicos, a quem os persas derrotaram, mesclavam os povos a fim de destruir a identidade nacional de cada nação e impunham sua religião e seus deuses aos dominados, os persas permitiam a repatriação dos povos e a liberdade cúltica.<sup>49</sup> Não à toa, o rei Ciro foi considerado por muitos como o enviado do Senhor.

Porém, mesmo com a liberdade religiosa, os judeus não deixaram de estabelecer contato com a cultura persa, principalmente com sua religião. Neste ínterim, dois aspectos marcantes são pontuados: os anjos e o dualismo.

Mesters & Orofino colocam que no universo religioso persa, os anjos eram vistos como mediadores entre os deuses e os homens.<sup>50</sup> A partir daí a literatura bíblica judaica assimilou a existência de anjos, e a literatura apocalíptica os incorporou como os intérpretes, sem os quais, nenhum mortal pode se aproximar do Criador. Os anjos pareciam proteger os iniciados em sua entrada nas regiões celestes sob a pena destes serem destruídos pela santidade divina.

Outra característica da religião persa era o dualismo, isto é, a existência de dois princípios básicos e geradores de vida e morte na terra: o bem e o mal. Mesters & Orofino vão dizer que apesar da crença dos judeus em um Deus único, houve uma inculturação do dualismo na religião judaica.<sup>51</sup> Para os apocalípticos, existem duas forças antagônicas lutando entre si pelas almas dos homens, entre o bem e o mal, porém, só o bem é absoluto, ou seja, apenas o bem sobreviverá no final. E o mal, um dia será aniquilado pelo bem, numa batalha que será a última.

---

<sup>48</sup> SCHMIDT, Werner W. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, PP. 176-178.

<sup>49</sup> GASS, Ildo Bohn. *Exílio Babilônico e Dominação Persa*. Uma introdução à Bíblia – Primeiro Testamento – a serviço da leitura libertadora da Bíblia. v. 5. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Cebi, 2004, pp. 77-78.

<sup>50</sup> MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*. 2ª ed. Comentário Bíblico Latinoamericano do Novo Testamento. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013, p. 47.

<sup>51</sup> MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco, 2013, p. 48.

Durante o período helenista, em que a região da Palestina fora dominada pelo Império do grego Alexandre Magno, houve uma aparente situação de paz que fomentou a inculturação da cultura helenística no judaísmo. Desta cultura, onde se desenvolveram as ciências (medicina, astronomia e matemática), as artes plásticas, a literatura e a filosofia, o estilo grego de viver era apregoado a todos. Este modo era caracterizado por uma cultura multiétnica, onde todas as religiões e saberes deveriam ser mesclados.<sup>52</sup>

Nesse rumor, os judeus, adeptos do monoteísmo, viram novamente a possibilidade de sua religião, bastião da unidade nacional, ser atingida por uma crise sem precedentes.<sup>53</sup> Aliado a isso, vários governos se sucederam na região da Palestina após a morte de Alexandre, o que fomentou diversas insurreições e negociatas visando o poder religioso e político. Macabeus, essênios e fariseus, por exemplo, surgem neste período, cada uma à sua maneira, tentando trazer os judeus de volta à lei e à Deus.

Em relação a este momento, M. Delcor retrata a possibilidade da origem da apocalíptica estar ligada aos principais grupos religiosos judeus: zelotes e fariseus. Ele diz:

*Pour les uns, c'étaient des écrits provenant de secte pharisienne (Charles). Pour d'autres, il fallait penser aux Zélotes. Ce fut, entre autres, la thèse de Herford au moins pendant un certain temps [...]. zélotes aspiraient à voir le jour où les Gentils, Romains ou autres seraient détruits et où dieu établirait son royaume sur la terre [...]. Mais il est clair que la matière de ces idées était prête dans les Écrits pseudo-prophétiques apocalyptiques. Ceux-ci avaient beaucoup à dire sur la destruction finale du monde païen, la délivrance et la victoire des saints, effectuée par l'intervention de Dieu lui-même au moyen du Messie [...]. en un mot, la littérature apocalyptique, c'est la littérature des Zéloteurs [...]. De son côté, Schürer, il y a plus d'un demi siècle, après avoir affirmé que le point de vue de tous ces écrits est essentiellement celui du Judaïsme officiel des Pharisiens qu'ils expriment,*

<sup>52</sup> Airton José da Silva coloca que a paideia (sistema de educação e formação ética) grega foi fundamental para o processo de helenização dos povos do Levante. Um instrumento muito usado, diz ele, foi o ginásio grego, que continha não só a praça de esportes, mas a presença de entidades divinas protetoras (Hercules e Hermes) e a efebria, que ensinava a língua grega corretamente, a cultura e a moda gregas (2012, p. 12).

<sup>53</sup> John J. Collins vai diferenciar o pensamento helenístico da cosmovisão judaica da seguinte maneira: enquanto pensamento helenístico se baseia na razão (binômio ciência e filosofia), a cosmovisão judaica era essencialmente mitológica. Daí a ameaça de que o helenismo suplantasse a visão mitológica que atribuía a Deus todo o controle da história humana. Em suas palavras: "Over against the mythological mode, which explains first principles and ultimate realities by reference to the acts of a god or gods, we may set the conceptual mode of Science and philosophy which relies on abstract and impersonal categories (being, matter)". Em *Cosmos and salvation: Jewish wisdom and apocalyptic in the hellenistic age*. History of Religions, v. 17, n. 2, nov./1977, Chicago: University of Chicago Press, pp. 121-142.

*car, dit-il, l'accent principal est placé non pas sur ce que le peuple a à faire, mais sur ce qu'il doit espérer.*<sup>54</sup> (grifos do autor)

É no período helenístico que será construída a oralidade de diversos textos apocalípticos que mais tarde, durante a ocupação romana, serão postos a escrito. Por isso, como se vê após o fim do período helenístico e a dominação da região pelos romanos (63 a.C.), o ideário judeu era povoado de extratos literários de cunho apocalíptico que, por sua vez, serviam para alimentar a esperança do povo numa redenção messiânica.

Com a ascensão de Jesus, esse ideário ganha corpo e voz naquilo que o povo imagina como sendo o Messias, detentor de superpoderes que iria derrotar os romanos “num piscar de olhos”. Destarte, a morte de Jesus inicia uma comunidade nascente de cristãos, mas esses são muitos diferentes em termos de tendências religiosas, às quais foram objeto de várias cartas do Novo Testamento cuja escrita objetivava resguardar um discurso único entre todos os seguidores de Cristo.

Nesse momento, a literatura apocalíptica ainda era presente com Paulo narrando suas viagens celestiais e se utilizando de linguagem secreta, duramente criticada por Pedro, em sua carta.<sup>55</sup> Após a morte dos apóstolos, começa o período das perseguições mais cruéis aos cristãos e, nesse movimento, surge o livro mais conhecido da literatura apocalíptica: o Apocalipse de João.

É no referido contexto que acontece a destruição do Segundo Templo (70 d.C.), o que muitos interpretarão como o cumprimento da profecia de Daniel, e com isso, a popularização da literatura apocalíptica ganha as dimensões de catástrofe cósmica que temos até os dias atuais.

<sup>54</sup> DELCOR, M. *Le milieu d'origine et le développement de l'apocalyptique juive*. In: *Le littérature juive entre Tenach et Mishna – quelques problèmes*. Belgium: E. J. Brill, 1974. p. 105-106. Tradução própria: "Para alguns, ele foi escrito a partir da seita farisaica (Charles). Para outros, eles pensaram que foram os zelotes. Esta foi, entre outros, a tese de Herford, pelo menos por algum tempo um [...]. Zelotes ansiavam pelo dia em que os gentios, romanos ou outros seriam destruídos e que Deus estabeleceria Seu reino na Terra [...]. Mas é claro que a substância dessas idéias estava pronta nos escritos apocalípticos pseudo-proféticos. Eles tinham muito a dizer sobre a destruição final do mundo pagão, a libertação e a vitória dos santos, realizada pela intervenção do próprio Deus através do Messias [...]. Em suma, literatura apocalíptica é a literatura dos zelotes [...]. Por seu lado, Schurer, há mais de meio século, afirmou que as opiniões de todos esses escritos são essencialmente a expressão das opiniões do judaísmo oficial dos fariseus, porque, diz ele, o foco principal está colocado não sobre o que as pessoas têm de fazer, mas sobre o que elas devem esperar."

<sup>55</sup> II Pedro 3.16.

## 1.5 Literatura protoapocalíptica – a origem antes da origem

Como vimos *a posteriori*, é recorrente atribuir o nascimento da literatura apocalíptica ao período de dominação persa. Porém, existem autores que discordam dessa premissa, preferindo atribuir ao período de dominação babilônica o nascimento da literatura apocalíptica.

Carlos Mesters & Francisco Orofino relatam que um elemento importante na literatura apocalíptica deriva do período do exílio:

Quem é o culpado pelo desastre do cativo? O que devemos fazer para reencontrar o caminho do favor de Deus? A resposta encontrada era esta: a culpa está no abandono da Aliança. O caminho para reencontrar o favor de Deus está na observância renovada da Lei.<sup>56</sup>

Assim, a observância da Lei que mais tarde fariseus e essênios irão propugnar, cada um à sua maneira, nasceu durante o cativo babilônico, como uma das várias respostas ao porquê do povo ter sofrido tão grande desastre. De certa forma, os profetas já haviam predito que o desvio de Israel seria sua própria desgraça. Assim, a reconquista da graça diante de Deus só poderia vir com arrependimento e obediência. Daí que a santidade e a pureza são sempre exaltadas nas visões celestiais apocalípticas como algo que credencia o visionário a entrar no céu.

Outro autor que reporta as origens da literatura apocalíptica como tendo acontecido durante o exílio é B. Erling:

*Ezek. 38-39 may be one of the oldest of the apocalyptic passages in the prophetic writings. While there was not been complete agreement as to the period of Ezekiel's activity, there is now a significant consensus that the traditional view that Ezekiel prophesied in Babylon during the period of the exile can be supported.*<sup>57</sup>

B. Erling considera que a passagem dos capítulos 38-39 do livro do profeta Ezequiel é uma prova da existência de uma literatura protoapocalíptica<sup>58</sup>, isto é, mesmo que ainda não reunindo todas as características que o gênero literário iria ter

<sup>56</sup> MESTERS & OROFINO, 2013, p. 48.

<sup>57</sup> ERLING, B. *Ezekiel 38-39 and the Origins of Jewish Apocalyptic*. Ex Orbe Religionum II (Studia G. Widengren), Leiden: 1972. p. 106. Tradução do autor: "Ezequiel 38-39 pode ser uma das mais antigas passagens apocalípticas nos escritos proféticos. Enquanto não houve um completo acordo sobre o período de atividade de Ezequiel, existe agora, um significativo consenso que a visão tradicional de que Ezequiel profetizou na Babilônia no período do exílio pode ser considerada."

<sup>58</sup> Outros autores estrangeiros são citados por Bruce Vawter, como Bloch e Frost, por exemplo (1960, p. 34).

durante o seu desenvolvimento, a literatura apocalíptica começou a se moldar durante o período do exílio e não no pós-exílio.

Dessa forma, o que nós nos propomos a pesquisar neste trabalho, é se há viabilidade na proposição de que os capítulos 38-39 de Ezequiel podem ser considerados como um texto protoapocalíptico.

Porém, de forma preliminar, cumpre-nos descrever brevemente, o livro do profeta Ezequiel e sua formação, enquanto procedimento essencial para a construção da análise pretendida neste estudo, conforme faremos no capítulo seguinte.

## 2 EXÍLIO ISRAELENSE E A PROFECIA DE EZEQUIEL

### 2.1 O mundo de Ezequiel

Os acontecimentos que antecedem ao mundo de Ezequiel são trágicos. Em 612 a.C., com a queda de Nínive, começa o desmoronamento do Império Assírio. Ascende em Judá, o pensamento nacional de restauração. A ascensão de Josias, com 8 anos de idade ao trono, inaugura uma tentativa de restauração espiritual auxiliada pela descoberta do Livro da Lei no Templo.

Josias impõe a centralização do culto, consolida Jerusalém como centro econômico, político e religioso do reino, derruba os santuários concorrentes, e parte para a guerra numa tentativa de recuperar territórios do Reino do Norte. Esse pequeno florescer de Israel durou pouco, vigorando somente até sua morte trágica, aos 39 anos de idade, em uma batalha com os egípcios em Meguido. Com o fato, dissipam-se as esperanças de uma independência política e o sentimento em prol da restauração nacional se abate novamente.

Nasce uma nova potência bélica no Levante: a Babilônia. O mundo em que o profeta Ezequiel nasceu já era um ambiente turbulento. As disputas entre os neoassírios e os babilônicos agitavam a região da Palestina e, durante o curto período de 20 anos entre a queda do Império Assírio e a ascensão dos babilônicos, do ponto de vista espiritual, houve a propagação da apostasia judaica em Judá.

Após a morte de Josias, os egípcios, aliados militares de primeira hora dos israelitas, capitaneados pelo Faraó Neco, conspiram para colocar Jeoaquim (Eliaquim), filho mais velho do rei, no trono.<sup>59</sup> Com o êxito desta empreitada, o que se conseguiu com essa aliança foi um novo momento de paganismo e um desastre para Judá. A aliança com os egípcios foi duramente atacada por Nabucodonosor que marchou sobre Judá e fez vassalos nobres como Daniel, na Babilônia.

Pensando que os babilônicos podiam sucumbir a uma nova aliança com os egípcios, Jeoaquim lidera outra rebelião. A Babilônia se levanta e Nabucodonosor cerca Jerusalém por três meses, executa o rei e entroniza seu filho Joaquim no lugar. Novos cativos são feitos e desta vez, toda a corte, inclusive alguns

---

<sup>59</sup> Antes, houve um breve reinado de três meses de Jeoacaz, filho meio de Josias, que o povo colocou no trono (BLOCK, 2012, v.1, p. 29).



sacerdotes, entre eles Ezequiel, são levados para uma colônia babilônica de judeus próxima a Nipur, no canal de Quebar.<sup>60</sup>

No lugar do rei Joaquim, filho de Jeoaquim, Nabucodonosor coloca o filho mais novo do rei Josias, Zedequias (Matanias). Mais uma vez, as recorrentes rebeliões marcam o reinado até que o Templo de Jerusalém foi destruído, enquanto os filhos de Zedequias eram mortos aos seus olhos.

Asurmendi pontua que até a queda de Jerusalém os judeus confiavam na presença de Deus no Templo. Achavam que a paz vaticinada por muitos profetas em breve chegaria:

A este otimismo irrealista, Jeremias – em Jerusalém – e Ezequiel – na Babilônia – propõe-se com todas as suas forças [...]. Como estes avisos continuam sem resposta, a pregação de ambos os profetas se tornará cada vez mais sombria.<sup>61</sup>

Nos dizeres de Samuel Almada, “o povo de Israel já conhecia alguma coisa sobre invasões, cercos, deportações e exílios e tinha precedentes negativos que alimentavam seus temores sobre os sérios riscos de desintegração.”<sup>62</sup> Assim, vivia-se um ambiente sócio-político de tensão por causa da possibilidade real de perda da identidade.

De qualquer sorte, essa perda acontecerá por via de uma releitura das antigas tradições mosaicas, como veremos adiante. Quando ocorre a volta do exílio, uma nova identidade nacional ressurge, porém, aglutinando elementos novos e redimensionando antigos.

## 2.2 O ambiente social do Levante no exílio

Com a deportação babilônica, os judeus no tempo de Ezequiel eram encontrados em três lugares: Judá, Babilônia, e o Egito para aqueles que conseguiram fugir para lá. Os que ficaram em Judá foram descritos como os “mais pobres da terra” e cuidavam, provavelmente, das plantações de azeitonas e das poucas vinhas que sobraram.<sup>63</sup>

<sup>60</sup> BLOCK, 2012, v.1, p. 30.

<sup>61</sup> ASURMENDI, 1988, p. 56.

<sup>62</sup> ALMADA, Samuel. *A profecia de Ezequiel: sinais de esperança para os exilados. Oráculos, visões e estruturas*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA. n. 35/36, Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, pp. 116-135, 2000, p 117.

<sup>63</sup> Milton Schwantes fala em deportação de “15 mil pessoas oriundas basicamente da população de Jerusalém”. Assim, o autor diz que de Judá poucos foram levados e, em sua maioria, a elite,

Este cenário econômico devastador era o mote para uma crescente degradação espiritual de um povo que tinha esquecido seu Deus, costumes e tradições. Ezequiel 11.14-16, fala da pouca sensibilidade daqueles que ficaram com seus compatriotas que foram deportados.<sup>64</sup>

Jeremias 44.1 nos fala sobre várias colônias judaicas no Egito: Patros, Migdol, Tahpanhes e Mênfis. No entanto, as recentes descobertas arqueológicas colocam como principal colônia a cidade de Elefantine<sup>65</sup>, uma vila militar. A descoberta de papiros em Elefantine revela o lugar como um ambiente de sincretismo religioso, Yahweh era adorado ao lado de outros deuses, a exemplo de alguns egípcios.

Na Babilônia, havia muitos imigrantes cuja situação se dava de maneira forçada, primeiro os do Reino do Norte, depois os da Judeia. Obviamente, esta deportação tinha como objetivos principais a quebra da unidade nacional e a destruição da liderança política e religiosa dos conquistados. Os babilônicos continuavam dando o título de rei ao líder máximo dos israelitas, porém, este era apenas um fantoche político adestrado para evitar insurreições. Block ensina que existia certa “evidencia que o orgulho na descendência davídica foi mantido mesmo após o exílio.”<sup>66</sup>

O ministério de Ezequiel se localiza junto aos exiliados de Tel Abib, uma comunidade, assim como outras (ver Salmos 137), à beira de um rio, neste caso o Quebar. Parece que os exilados sofreram com menor intensidade as agruras econômicas do exílio em comparado àqueles que ficaram em Judá. Daniel 1 parece indicar que alguns judeus exilados cresceram economicamente e serviram na corte. Jeremias 29.5-7 sugere que outros se tornaram agricultores. E a prosperidade parece ter sido a causa de muitos não terem retornado quando Ciro assim permitiu.

---

sacerdotal, econômica e política. Dessa forma, como camponeses no exílio, faziam em terra estranha, o que seus súditos faziam em Judá. Em SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio – história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 3ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 24.

<sup>64</sup> Schwantes relata que os remanescentes, abandonados pelos babilônicos, com suas cidades destruídas, se reorganizaram nos moldes clânico-tribais. Eram camponeses, aqueles a quem a elite judaica sempre explorou. Tinham terras e seu próprio sistema de governo, o que talvez explique o abandono aos compatriotas exilados que Ezequiel reclama. Em SCHWANTES, 2009, p. 28.

<sup>65</sup> BLOCK, Daniel I. *Comentários do Antigo Testamento – Ezequiel*. v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 31.

<sup>66</sup> BLOCK, 2012, p. 32.

Quanto à questão étnica, eles permaneciam distintos dos demais povos. Esdras 2 e Neemias 7 revelam o cuidado com a manutenção dos registros das famílias. Tradições como circuncisão e a guarda do sábado permaneceram (Ez 44-46). Apesar destas, Ezequiel denuncia a apostasia e as mazelas sociais.

Daniel Block sustenta que mesmo com toda denúncia profética, os israelitas se mantiveram confiantes no resgate de Yahweh. Na verdade, segundo ele, havia um tripé que sustentava esta Israel separada entre as outras nações: Deidade, Terra e Nação ou Yahweh, Canaã e Israel.<sup>67</sup>

Evidencia-se aqui um choque teológico. O povo exilado e destruído socialmente é acusado pelos profetas de idolatria e criminalidade, no entanto, espera ansiosamente pelo resgate de Yahweh. Porém, essa libertação não vem e ao contrário, Jerusalém e o templo são destruídos. Com isso, Marduque, deus babilônico, havia prevalecido. Essa era a audiência de Ezequiel, um povo desiludido, magoado e irado, além de uma “casa de rebeldes” (Ez 2. 5-6).<sup>68</sup>

De Lacy descreve essa situação da seguinte forma:

A queda de Jerusalém e a destruição do templo supõem algo mais do que uma simples desarticulação das esperanças históricas de um povo; para aqueles que sobreviveram, supôs a comprovação histórica da falsidade de sua fé. Todos os dogmas de sua fé caíram por si sós: a promessa davídica, a Aliança, o dom da terra, o seu nascimento para a liberdade, a unicidade de Deus... O esplendor do culto babilônico, apesar das dificuldades por que passou no reinado de Nabonid, lhes fazia pensar que Javé pode ter sido um deus forte e poderoso nas épocas históricas, mas que no presente a glória e o poderio de Marduk eram incontestáveis; Javé tinha sido derrotado.<sup>69</sup>

Por isso, o exílio aqui possui várias nuances. A experiência da dor faz nascer uma criatividade nas mentes humanas para lidar com a experiência da opressão. As visões e os êxtases poderiam muito bem ser maneiras de extravasar a dor. Outra forma, segundo Ildo Grass, foi o fim de um patriarcalismo arraigado na cultura israelita. Com os homens mortos ou deportados, as mulheres tomaram a

<sup>67</sup> BLOCK, 2012, p. 33.

<sup>68</sup> Para Daniel Sotelo, os profetas fazem uma releitura da história de Israel a partir da experiência do exílio. Obras são repensadas e reescritas neste período como uma reinterpretação da antiga tradição dos “pais” de Israel. Em *O exílio – teologia da retribuição e da esperança de retorno*. Col. História de Israel. v. 3. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 30.

<sup>69</sup> DE LACY, 2006, p. 195.

frente de muitas ações, inclusive, espiritualmente. Sai o Templo, entra a casa. Volta-se à época das tribos.<sup>70</sup>

O conceito de culpa diante do exílio também era forte e fazia com que os exilados assumissem responsabilidades por situações que antes não assumiam. Era a chance que tinham de mudar a particular caminhada espiritual. A própria concepção de responsabilidade muda, deixa de ser coletiva e passa a ser individual.

O conceito de Deus também sofre uma mutação com o exílio. Sai o Deus que habita apenas no Templo e entra aquele que acompanha as pessoas em seus caminhos. Sem o Templo, as tradições ganham força. E sem o Templo, as sinagogas aparecem como espaços de oração e adoração.<sup>71</sup>

O conceito de Deus abarca o conceito da territorialidade de sua ação. Antes de Ezequiel, não havia profetas fora de Israel. Para um israelita, não era possível Yahweh se manifestar fora da terra prometida, ainda mais entre exilados. Haja vista que estes eram pessoas sem Deus. Milton Schwantes nos dá uma ideia disso:

Ezequiel foi feito profeta entre exilados. Isso não é algo óbvio. É o primeiro a *profetizar fora da terra de Israel!* E isso é algo extraordinário. Significa uma ruptura decisiva na história da profecia bíblica: alguém se apresenta como profeta longe da terra santa. E este justamente vem do grupo dos sacerdotes, aqueles que mais expressamente aproximavam e quase identificavam a ação de Javé com a terra da promessa.<sup>72</sup> (grifos do autor)

Para ilustrar melhor esse período, nos valem do quadro de Ildo Grass, com uma pequena adaptação<sup>73</sup>:

**Quadro 1 – Manifestações de Yahweh**

Elementos	Pré-exílio	Exílio	Pós-exílio
Reis	Davídicos	Prisioneiro de guerra	Não existem
Poder político e religioso	Havia controle	Estava na Babilônia	O político pertencia aos persas e o religioso aos sacerdotes
Leis	Eram as leis de	Eram as leis do	Separação entre lei

<sup>70</sup> GASS, Ildo Bohn. *Exílio Babilônico e Dominação Persa*. Uma introdução à Bíblia – Primeiro Testamento – a serviço da leitura libertadora da Bíblia. v. 5. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Cebi, 2004, p. 15.

<sup>71</sup> GASS, 2004, p. 18-20.

<sup>72</sup> SCHWANTES, 2009, p. 77.

<sup>73</sup> GASS, 2004, pp. 14-15.

	Yahweh	poder estrangeiro	religiosa (Yahweh) e lei civil (persas)
Estado	Judá era um Estado	Não havia um estado e sim uma comunidade dispersa	Província (colônia dos conquistadores)
Terra	Pertencia aos judeus	Pertencia aos babilônicos	Pertencia aos persas
Profecia	Cobrava fidelidade à Deus e aos reis, denunciava as injustiças e organizava a resistência popular	Animava o povo, renovando sua esperança	Motivava a reconstrução
Jerusalém	Era a capital, tinha o templo e os palácios	Templo, palácios e muros destruídos	Reconstrução da capital
Culto à Yahweh	O templo, a arca e o altar de sacrifícios eram o centro do culto	O templo e o altar foram destruídos e não havia mais oferta de sacrifícios	Templo e altar reconstruídos. Volta da oferta de sacrifícios

### 2.3 Ezequiel e sua mensagem

O nome do profeta significa “Deus fortalece” ou “Deus fortaleça”. Um detalhe curioso é que apesar de ser da mesma raiz etimológica de Ezequias, o Antigo Testamento possui somente uma outra menção a um Ezequiel, também relacionada a um sacerdote (I Cr 24.16). Não se tem certeza se esse era um pseudônimo atrelado a um profeta anônimo utilizado apenas para nomear o livro. Porém, o autor parece ter existido ao ser identificado em Ez 1.3 como o filho do sacerdote Buzi.

Outra questão refere-se à sua ligação com o templo. Mesmo que não haja menções de sua atuação sacerdotal, a familiaridade com as questões litúrgicas e teológicas do Templo, seu entendimento dos cultos pagãos e seu conhecimento sobre a herança espiritual de Israel apontam para este caminho.<sup>74</sup> Sobre sua família, além do pai, sabemos que sua esposa morreu por causa de Yahweh e que o profeta foi impedido de guardar o luto como um sinal para Israel (Ez 24.15-27).

<sup>74</sup> BLOCK, 2012, p. 35.

Block lista uma série de situações no livro do profeta que ele identifica como passíveis de estudos psicanalíticos: sua nudez, furando buracos nas paredes, as “viagens espirituais”, visões de criaturas mitológicas, fascinação por fezes e sangue, e alucinações auditivas, além de linguagem pornográfica, para citar apenas algumas.<sup>75</sup> Ele conclui que Ezequiel sofria de um tipo de paranoia<sup>76</sup> que acomete os grandes líderes religiosos.<sup>77</sup>

Ainda analisando o comportamento de Ezequiel, Daniel Block reconhece sua excelente retórica, mas, adverte para uma rebeldia no ministério que é logo admoestada no chamado (Ez 2.8). Por fim, o autor reconhece também que mesmo resistindo ao chamado, Ezequiel denuncia seus colegas de ministério sob a acusação de traição ao ofício de sacerdotes do povo perante Deus (Ez 22.26), o que o torna um improvável homem usado pelas mãos de Deus, que quer se revelar ao seu povo.<sup>78</sup>

No tocante à sua mensagem, Block irá delinear o comunicado do livro de Ezequiel em duas partes principais: antes e depois da queda de Jerusalém (587 a.C.). Antes dessa data, diz Block, “as profecias de Ezequiel consistiam de pronunciamentos negativos de julgamento sobre seu povo pela infidelidade dele ao pacto [...]. Esta mensagem é comunicada [...] pelos sistemáticos ataques aos pilares nos quais a ortodoxia oficial construiu suas noções de segurança eterna.”<sup>79</sup>

Após a queda de Jerusalém, a ênfase da profecia parece volta-se para o futuro da relação entre Yahweh e seu povo. As promessas são eternas, o problema foi o povo infiel. Assim Ezequiel oferece um alento de esperança para o povo, a confiança de que Yahweh exerce a justiça, mas também oferece a restauração.

Christophe Nihan vai nos dizer que a mensagem do profeta é autobiográfica e que este aspecto se exprime de maneira criptográfica, por meio de parábolas e alegorias. As visões presentes e os fenômenos extáticos descritos sugerem a antecipação da tradição apocalíptica.<sup>80</sup>

<sup>75</sup> Segundo Ludovico Garmus, citando J.M. Schmidt e L. Dürr, esses elementos textuais, por si só, já são suficientes para dizer que a apocalíptica já aparece inteiramente desabrochada no livro de Ezequiel. Em *Traços apocalípticos em Ezequiel 38-39*. Estudos Bíblicos. n. 65. Petrópolis/São Leopoldo: Editora Vozes/Sinodal, 2000, p. 38.

<sup>76</sup> Hipótese rechaçada por G. Fohrer e E. Sellin. Em *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus, 2012, p. 585.

<sup>77</sup> BLOCK, 2012, v.1, pp. 35, 36.

<sup>78</sup> BLOCK, 2012, v.1, p. 38.

<sup>79</sup> BLOCK, 2012, v.1, pp. 39-40.

<sup>80</sup> RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 435.

Ildo Gass relata que Ezequiel e sua criatividade literária são fruto do período de exílio o qual reflete o contexto de quem foi expatriado já na primeira geração de deportados, ou seja, entre os primeiros que vivenciaram um choque teológico. No caso específico de Ezequiel, ressalta que este deve ter se submetido a uma profunda transformação de sacerdote apegado à morada de Deus no Templo, para aquele que acreditava que Deus tinha saído de Israel e estava em companhia dos exilados.<sup>81</sup>

## 2.4 Conteúdo e estruturação do livro

O livro de Ezequiel está escrito na primeira pessoa do singular e, apenas em raras exceções, esta característica muda.<sup>82</sup> As revelações alcançam um período que vai de 593 (quinto ano da deportação do rei Jeoaquim – Ez 1.2) a 571 a.C. (Ez 29.17), aproximadamente. Parte dos oráculos retratam visões celestiais ou experiências de possessão extática (saída corpórea ou espiritual do profeta de si mesmo).<sup>83</sup>

Outra marca linguística do referido livro é a adoção de expressões introdutórias nos oráculos, tais como: “veio-me uma palavra do Senhor”; “assim fala o Senhor Deus”; “eu, o Senhor, falei” e “conhecereis que eu sou Deus.”<sup>84</sup> Segundo Nihan, aparentemente essas expressões transmitem a ideia de uniformidade do livro, porém, é sabido que ele foi escrito por mais de um autor.<sup>85</sup> A maior de prova relativa à múltipla autoria, segundo ele, são as muitas formas de discurso divino contidas no livro: alegorias, enigmas, parábolas, lamentações fúnebres, exortações, contraditos populares e atos simbólicos.<sup>86</sup>

<sup>81</sup> GASS, 2004, pp. 7, 8, 39.

<sup>82</sup> Norman Cohn diz que Ezequiel representava uma comunidade de pensamento denominada “Yahweh sozinho”, que se caracterizava por serem os primeiros deportados e colocavam como premissa para o fim da catástrofe Yahweh ser o único deus a ser adorado. Além disso, se colocavam como os únicos escolhidos a se comunicarem com Yahweh (1996, p.198).

<sup>83</sup> Ralph W. Klein observa que na Tradição Massorética, a data é acréscimo de 2 Rs 25.1. Em *Israel no exílio – uma interpretação teológica*. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2012, p. 125.

<sup>84</sup> De Lacy coloca outras duas importantes fórmulas literárias de Ezequiel: “Filho de Adão (filho de homem) e “Saberás/ereis que eu sou o Senhor”. A primeira aparece apenas na obra de Ezequiel. Em DE LACY, 2006, p. 204.

<sup>85</sup> Na opinião de G. Fohrer e E. Sellin, a obra não possui estrutura homogênea, nem foi cuidadosamente planejada a sua edição (2012, p. 579).

<sup>86</sup> RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, 2010, pp. 436, 437.

A estrutura do livro, segundo Nihan, segue divisão em duas grandes partes: caps. 1-32 e 33-48.<sup>87</sup> A primeira, diz respeito a uma coleção de oráculos de julgamento contra Israel e contra as nações. O ápice do livro é a chegada de um sobrevivente da destruição de Jerusalém dando esta notícia, o que confirma os oráculos pronunciados.<sup>88</sup> Este episódio marca uma virada na estrutura do livro. Destarte, a segunda parte é constituída de profecias de restauração para aqueles que sobreviveram à ira de Yahweh. Nihan colaciona ainda o seguinte detalhe: os paralelismos entre as duas partes sugerem uma redação bem elaborada do livro. Por exemplo, a restauração do Templo ocorrida nos caps. 40-48 é um paralelo da visão de sua destruição em 8-11. A mesma glória divina que abandonou o povo é a que volta para restaurá-lo.<sup>89</sup>

Alguns autores sugerem a ocorrência da estrutura tripartite por causa da coletânea de oráculos contra as nações. Essa divisão seria apoiada por uma teologia escatológica que prevê a restauração de Israel após os julgamentos das nações e do próprio Israel. De qualquer sorte, a tomada de Jerusalém é o ápice narrativo de ambas as divisões sugeridas.

Outra marca linguística do livro é a sua cronologia. Ezequiel apresenta, nos dizeres de Nihan, “uma progressão lógica e testemunha uma coerência inegável.”<sup>90</sup> A coerência temática, por fim, é outro eixo característico do livro, como ocorre em Ez 20-24, onde vários textos heterogêneos possuem a mesma temática da profanação.

Samuel Almada identifica ainda, outros elementos literários no livro de Ezequiel, tais como: problemas na construção das palavras, neologismos, presença de termos babilônicos, linguagem exagerada e predomínio da linguagem poética sobre a narrativa.<sup>91</sup>

G. Foher e E. Sellin salientam três características do conteúdo do livro: a) a palavra de Deus ocupa o primeiro plano do livro; b) a presença de Yahweh sobre o profeta e, por fim; c) o papel do êxtase na composição literária.<sup>92</sup>

<sup>87</sup> RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, 2010, p. 437.

<sup>88</sup> Ralph W. Klein diz que a destruição de Jerusalém é o “não final” da história de Israel. A destruição começa por Jerusalém, cidade escolhida de Deus, passa pelos seus moradores e por fim pelo templo, onde a glória de Deus a deixa (2012, pp. 133-135). Mas o povo é tão iníquo que não chora pela destruição de sua cidade (2012, p. 136).

<sup>89</sup> RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, 2010, p. 438.

<sup>90</sup> RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, 2010, p. 439.

<sup>91</sup> ALMADA, 2000, p. 122.

<sup>92</sup> FOHRER, Georg, SELLIN, Ernest, 2012, p. 576.



## 2.5 Origem e formação do livro

A transmissão do texto de Ezequiel é divergente nas tradições grega e massorética. Nihan fala do escrito grego como tendo dois tradutores reconhecidos no século XIX. Na Septuaginta, aparecem os textos Codex Vaticanus (B) e Papyri 967 (Chester Beatty) que são corroborados pela existência de inúmeros outros. Na tradição massorética, os textos são recentes e poucos destoam do escrito grego. Porém, há um detalhe que chama atenção aqui: esta forma recente aponta para que se conclua que o texto de Ezequiel fora manipulado e editado até a época helenística.<sup>93</sup>

Fragmentos de Ezequiel foram encontrados em Qumran, mas segundo Nihan, apresentam interesse diminuto para a pesquisa. A maioria dos textos de Qumran é próximo aos textos massoréticos, com poucas variações.<sup>94</sup>

A autoria única do livro permaneceu como paradigma vigente até o início do século XX. *A posteriori*, divergências principalmente entre autores alemães, começaram a ser colocadas. Uma delas é o local onde o profeta vaticinou seus oráculos. Teria sido mesmo junto aos exilados (Quebar – Ez 1.3 ou Tel Abib – Ez 3.15) ou em Jerusalém (Ez 33.23-29). Outro questionamento apresentado diz respeito à quantidade de autores. Segundo Nihan, G. Fohrer, W. Eichrodt e W. Zimmerli distinguem entre uma primeira redação com a mão do profeta e acréscimos ulteriores realizados por uma “escola” de escribas teologicamente comprometidos com Ezequiel. No entanto, outros exegetas, pontuam que essa divisão entre a redação primária de Ezequiel e um sequenciamento do restante do livro por seus discípulos, é simplista demais.<sup>95</sup>

De acordo com Nihan, autores como Garscha, Pohlmann e Krüger, afirmam que o texto de Ezequiel se compõe de vários textos, linguisticamente independentes, oriundos da pregação do profeta. Esses escritos seriam tardios, próximos do pós-exílio babilônico ou Golah persa, como chamado. Para Nihan, a tese proposta é que esta Golah teria feito um livreto originalmente atribuído a Ezequiel de modo a enaltecer o pequeno grupo de aristocratas exilados como, por exemplo, aquele escolhido por Yahweh para testemunhar sobre os seus pecados àqueles que

---

<sup>93</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 443, 444.

<sup>94</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 444.

<sup>95</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 445.

ficaram em Jerusalém. É com base nessa comunidade de deportados que Israel será restaurada.<sup>96</sup>

Mais tarde, conforme Nihan, por uma influência helenística esta redação pró-Golah teria sido refeita após o fracasso da restauração do trono de Davi, colocando-a numa perspectiva escatológica. Esta teoria é posta por J. Lust e apresenta uma deficiência, pois, de acordo com Nihan, trata-se de uma análise baseada apenas nas tensões político-religiosas da época e não em uma análise séria da linguagem utilizada nos textos.<sup>97</sup>

Desta forma, Nihan propõe o seguinte processo de formação do livro<sup>98</sup>:

1. O profeta edita um rolo inicial de oráculos proféticos contra Jerusalém;
2. Os redatores pró-Golah, na volta do exílio, remanejam o rolo inicial apresentando-o à comunidade deportada como o único Israel legítimo. Aqui entra a o enaltecimento da tradição davídica;
3. A redação pró-diáspora edita o livro de modo a incluir a dispersão de Judá pelas nações.<sup>99</sup> A restauração de Israel ganha caráter escatológico. Palavras chave: universal e santidade<sup>100</sup>;
4. Outra redação inclui o oráculo contra as nações, condenando, sobretudo, as alianças de Israel com os vizinhos, mormente os egípcios<sup>101</sup>;
5. Uma escola redacional posterior à pró-Golah redige os caps. 40-48. É uma escola sacerdotal que repudia o davidismo e busca restaurar a centralidade do Templo<sup>102</sup>;

<sup>96</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 446. Konrad Schmid declara que o trecho de Ezequiel 8-11 não possui qualquer relação com essa Golah, uma vez que, se o texto fosse de uma comunidade exilados da Babilônia que se achava portadora única das mensagens divinas, a glória de Yahweh deveria ter saído de Jerusalém e ter ido para junto dos exilados. Isso não ocorreu, a glória de Deus sai do Templo, mas permanece na cidade, acima do Monte das Oliveiras. Assim, ele conclui que o livro de Ezequiel possui elementos anteriores a esta Golah. Em *História da Literatura do Antigo Testamento – uma introdução*. Col. Bíblica Loyola. n. 65. São Paulo: Loyola, 2013, p. 168.

<sup>97</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 447.

<sup>98</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, pp. 448-453.

<sup>99</sup> Ralph W. Klein fala em novo êxodo (2012, p. 145).

<sup>100</sup> Daniel Sotelo declara que a adesão de Ezequiel ao Código de Santidade (Lv 17-26) serve para lembrar que a religião de Israel pertence mais aos sacerdotes que aos profetas (2012, p. 58). Grande parte dos teólogos atribui um elo entre estes capítulos e o pensamento de Ezequiel. Estes pensamentos parecem remontar ao fim da época monárquica e representam os usos do templo de Jerusalém, enquanto os do profeta, com o desenvolvimento de um movimento pré-exílico, parecem remontar para um outro tipo de santidade sem o templo, uma santidade individual.

<sup>101</sup> Ralph W. Klein aponta como temática teológica do livro de Ezequiel a intromissão do Egito em questões palestineses. Para ele militarmente infrutífera e espiritualmente desastrosa (2012, p. 126).

<sup>102</sup> Milton Schwantes parece concordar com essa ideia (SCHWANTES, 2009, p. 83).

6. Uma escola helenística acrescenta os caps. 38-39 com um viés apocalíptico. Este acréscimo não consta na Septuaginta original e apresenta Ezequiel como um guarda do povo.<sup>103</sup> Além disso, percebe-se uma mudança na responsabilização, que deixa de ser coletiva, do povo. Agora cada pessoa deve ser responsabilizada individualmente, cada um responde pelos seus pecados<sup>104</sup>;

7. Acréscimos pontuais são realizados, sobretudo, nos caps. 40-48.

Sobre o processo formativo do livro, G. Foher e E. Sellin pontuam que Hermann “demonstrou de forma cabal que o livro é uma obra constituída pela reunião de coleções e de fragmentos isolados, que o próprio Ezequiel organizou no decurso de sua longa atividade.”<sup>105</sup>

Os referidos autores asseveram que mais adiante, numa segunda fase redacional e editorativa, um revisor reuniu as coleções – ou seria um conjunto de revisores – culminando na acentuação das palavras do profeta, para mais ou para menos.<sup>106</sup> O terceiro passo constituiu-se em colacionar as anotações isoladas em coleções parciais, de acordo com a semelhança dos conteúdos.<sup>107</sup>

O quarto passo dispôs-se em colocar as coleções organizadas de acordo com as datas de cada seção, criando assim, uma estruturação cronológica do livro. Seguiram-se as intervenções redacionais no texto e, por fim, os oráculos sobre as nações foram colocados após os oráculos das calamidades.<sup>108</sup>

G. Foher e E. Sellin, citam ainda quatro teorias sobre o lugar e a autoria do livro, a saber<sup>109</sup>:

a) a atividade do profeta não se deu na época em que aparece no livro e, por consequência, ele não escreveu o mesmo no lugar que parece, junto aos

<sup>103</sup> Mesma opinião tem Ralph W. Klein (2012, p. 164).

<sup>104</sup> De Lacy como o problema da retribuição individual como um dos grandes embates teológicos enfrentados pelos profetas do exílio. Tanto Jeremias, como Ezequiel tratam da responsabilização e santidade individuais, porém nos dizeres do autor “nunca puderam proporcionar uma solução intelectualmente satisfatória”, uma vez que Yahweh ser justo e castigar pelo pecado era aceitável, no entanto como justificar que todo o povo, incluindo os inocentes, sofram um castigo coletivo. Para o autor, o livro de Jó tenta responder a esta questão envolvendo poesia e mistério. Em DE LACY, 2006, p. 197.

<sup>105</sup> FOHRER, Georg; SELLIN, Ernest. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus, 2012. p. 580.

<sup>106</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 580.

<sup>107</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 581.

<sup>108</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 583-584.

<sup>109</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 571-574.

exiliados. Mas os autores argumentam que não existem indícios fortes de que o livro tenha sido escrito na época que aparenta;

b) o autor do livro não teria escrito o texto junto aos exilados, mas em outros lugares, como Jerusalém. Existe outra teoria que coloca uma possível volta do profeta da Babilônia para Jerusalém antes de fim do exílio. Os autores rechaçam essas hipóteses porque esbarram numa revisão de redação de grandes proporções para a época;

c) uma terceira teoria coloca Ezequiel exercendo simultaneamente suas atividades na Palestina e na Babilônia. Novamente, dizem os autores, esta hipótese requereria mudanças significativas no texto e reorganização de partes inteiras do livro;

d) a cronologia do livro está sólida e é segura. As datas são originais e autênticas. Uma passagem ideal para corroborar essa teoria é a que diz que Ezequiel soube da destruição de Jerusalém através do testemunho de um sobrevivente.

Ainda repercutindo a fala de G. Foher e E. Sellin sobre Ezequiel, os autores colocam que diferente de outros profetas, é pouco provável que ele seja o autor da tradição oral presente em seu texto. O mais certo é que Ezequiel tenha pregado e, em seguida, realizado os atos simbólicos, tão comuns no texto.<sup>110</sup>

## 2.6 Temática do livro

A temática de Ezequiel é o testemunho do exílio. O profeta tenta definir as suas causas, a identidade da comunidade exilada e as consequências do exílio, para depois apontar aos demais como aprender com os erros cometidos. Para Nihan, se a premissa é que Ezequiel começou a ser escrito desde o fim do exílio até o começo da era helenística, então ele possui as diferentes concepções das comunidades que o redigiram.<sup>111</sup>

A temática do livro é antitética, para Nihan, e visa apresentar Israel como um antimodelo, com uma lista de crimes, de “como não fazer”, frente a uma comunidade ideal do futuro, restaurada e pura, apresentada como o modelo de uma comunidade pós-exílica.<sup>112</sup>

<sup>110</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 579.

<sup>111</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 453, 454.

<sup>112</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 454.

Para ele, a temática do livro é antitética e, mediante a exposição de uma lista de crimes, visa apresentar Israel como um antimodelo, repleta de “como não fazer”, frente a uma comunidade ideal do futuro, restaurada e pura, apresentada como o modelo de uma comunidade pós-exílica.

Mais tarde, essa concepção adquire ares universais. Yahweh torna-se o senhor das nações e tem o controle do futuro de todas elas. A noção de julgamento final das nações ocorre aqui. Para Nihan, a libertação de Israel é apresentada de forma cósmica nos capítulos 38-39 numa luta contra uma nação fictícia de nome Gog, cujo príncipe Magog é o antipríncipe dos capítulos 40-48. A escatologia dos capítulos 40-48 trabalha com um governo universal e teocrático, subordinado aos sacerdotes do Templo.<sup>113</sup> O Templo é o centro da terra!<sup>114</sup>

Ildo Grass pontua ainda que mesmo exilado, Ezequiel continuou com a postura machista típica de um sacerdote. Em várias passagens do texto, as mulheres são vistas como prostitutas (Ez 16 e 23), impuras (Ez 36.17), não capazes de se relacionarem com Deus, como na polêmica com as profetisas (Ez 13.17ss). Ou seja, o típico pensamento de que as mulheres eram bens.<sup>115</sup>

Por fim, avalia-se a postura apocalíptica do texto. Estaria Ezequiel orientado para a apocalíptica? Seriam os capítulos 38-39 exemplares maiores de uma corrente sacerdotal que se reorienta para uma visão escatológica e universal? No capítulo seguinte pretendemos explorar melhor essa possível característica do livro do Ezequiel.

---

<sup>113</sup> Lembrando que o Templo, conforme Ralph W. Klein, era acusado de ser violado, por ter um altar fora de seus limites; por ser alvo de cultos ocultos (menção aos cultos aos mortos egípcios – Osíris?); por ter mulheres adorando Tamuz e homens adorando o sol às suas portas (2012, p. 137-138).

<sup>114</sup> RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 455.

<sup>115</sup> GRASS, 2004, p. 43.

## 3 A LIBERTAÇÃO CÓSMICA DE ISRAEL DESCRITA EM EZEQUIEL 38-39

### 3.1 O texto e suas características apocalípticas

#### 3.1.1 Comentários sobre Ezequiel 38-39

Ezequiel 38

Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

Filho do homem, dirige o teu rosto para Gogue, terra de Magogue, príncipe e chefe de Meseque e Tubal, e profetiza contra ele, e dize:

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e Tubal; e te farei voltar, e porei anzóis nos teus queixos, e te levarei a ti, com todo o teu exército, cavalos e cavaleiros, todos eles vestidos de armadura completa, uma grande companhia, com pavês e com escudo, manejando todos a espada; Pérsia, Cuque, e os de Pute com eles, todos com escudo e capacete; Gomer, e todas as suas tropas; a casa de Togarma no extremo norte, e todas as suas tropas; sim, muitos povos contigo. Prepara-te, sim, dispõe-te, tu e todas as tuas companhias que se reuniram a ti, e serve-lhes tu de guarda. Depois de muitos dias serás visitado. Nos últimos anos virás à terra que é restaurada da guerra, e onde foi o povo congregado dentre muitos povos aos montes de Israel, que haviam estado desertos por longo tempo; mas aquela terra foi tirada dentre os povos, e todos os seus moradores estão agora seguros. Então subirás, virás como uma tempestade, far-te-ás como uma nuvem para cobrir a terra, tu e todas as tuas tropas, e muitos povos contigo.

Assim diz o Senhor Deus: Acontecerá naquele dia que terás altivos projetos no teu coração, e maquirarás um mau desígnio. E dirás: Subirei contra a terra das aldeias não muradas; irei contra os que estão em repouso, que habitam seguros, habitando todos eles sem muro, e sem ferrolho nem portas; a fim de tomares o despojo, e de arreatares a presa, e tornares a tua mão contra os lugares desertos que agora se acham habitados, e contra o povo que foi congregado dentre as nações, o qual adquiriu gado e bens, e habita no meio da terra. Sabá, e Dedã, e os mercadores de Társis, com todos os seus leões novos, te dirão: Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando para arrebatá-la presa, para levar a prata e o ouro, para tomar o gado e os bens, para saquear grande despojo?

Portanto, profetiza, ó filho do homem, e dize a Gogue: Assim diz o Senhor Deus: Acaso naquele dia, quando o meu povo Israel habitar seguro, não o saberás tu? Virás, pois, do teu lugar, lá do extremo norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, uma grande companhia e um exército numeroso; e subirás contra o meu povo Israel, como uma nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim, quando eu tiver vindicado a minha santidade em ti, ó Gogue, diante dos seus olhos.

Assim diz o Senhor Deus: Não és tu aquele de quem eu disse nos dias antigos, por intermédio de meus servos, os profetas de Israel, os quais naqueles dias profetizaram largos anos, que te traria contra eles? Naquele dia, porém, quando vier Gogue contra a terra de Israel, diz o Senhor Deus, a minha indignação subirá às minhas narinas. Pois no meu zelo, no ardor da minha ira falei: Certamente naquele dia haverá um grande tremor na terra de Israel; de tal sorte que tremerão diante da minha face os peixes do mar, as aves do céu, os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam

sobre a terra, bem como todos os homens que estão sobre a face da terra; e os montes serão deitados abaixo, e os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra. E chamarei contra ele a espada sobre todos os meus montes, diz o Senhor Deus; a espada de cada um se voltará contra seu irmão. Contenderei com ele também por meio da peste e do sangue; farei chover sobre ele e as suas tropas, e sobre os muitos povos que estão com ele, uma chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre. Assim eu me engrandecerei e me santificarei, e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor.

#### Ezequiel 39

Tu, pois, ó filho do homem, profetiza contra Gogue, e dize:

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e Tubal; e te farei virar e, conduzindo-te, far-te-ei subir do extremo norte, e te trarei aos montes de Israel. Com um golpe tirarei da tua mão esquerda o teu arco, e farei cair da tua mão direita as tuas flechas. Nos montes de Israel cairás, tu e todas as tuas tropas, e os povos que estão contigo; e às aves de rapina de toda espécie e aos animais do campo te darei, para que te devorem. Sobre a face do campo cairás; porque eu falei, diz o Senhor Deus. E enviarei um fogo sobre Magogue, e entre os que habitam seguros nas ilhas; e saberão que eu sou o Senhor. E farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo Israel, e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e as nações saberão que eu sou o Senhor, o Santo em Israel. Eis que isso vem, e se cumprirá, diz o Senhor Deus; este é o dia de que tenho falado. E os habitantes das cidades de Israel sairão, e com as armas acenderão o fogo, e queimarão os escudos e os pavese, os arcos e as flechas, os bastões de mão e as lanças; acenderão o fogo com tudo isso por sete anos; e não trarão lenha do campo, nem a cortarão dos bosques, mas com as armas acenderão o fogo; e roubarão aos que os roubaram, e despojarão aos que os despojaram, diz o Senhor Deus. Naquele dia, darei a Gogue como lugar de sepultura em Israel, o vale dos que passam ao oriente do mar, o qual fará parar os que por ele passarem; e ali sepultarão a Gogue, e a toda a sua multidão, e lhe chamarão o Vale de Hamom-Gogue. E a casa de Israel levará sete meses em sepultá-los, para purificar a terra. Sim, todo o povo da terra os enterrará; e isto lhes servirá de fama, no dia em que eu for glorificado, diz o Senhor Deus. Separarão, pois, homens que incessantemente percorrerão a terra, para que sepultem os que tiverem ficado sobre a face da terra, para a purificarem. Depois de passados sete meses, farão a busca; e quando percorrerem a terra, vendo alguém um osso de homem, levantar-lhe-á ao pé um sinal, até que os enterradores o enterrem no Vale de Hamom-Gogue. E também o nome da cidade será Hamona. Assim purificarão a terra.

Tu, pois, ó filho do homem, assim diz o Senhor Deus: Dize às aves de toda espécie, e a todos os animais do campo: Ajuntai-vos e vinde; ajuntai-vos de todos os lados para o meu sacrifício, que eu sacrifico por vós, sacrifício grande sobre os montes de Israel, para comerdes carne e beberdes sangue. Comereis as carnes dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra, dos carneiros e dos cordeiros, dos bodes e dos novilhos, todos eles cevados em Basã. Comereis da gordura até vos fartardes, e bebereis do sangue até vos embebedardes, da gordura e do sangue do sacrifício que vos estou preparando. E à minha mesa vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Deus. Estabelecerei, pois, a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que sobre elas eu tiver descarregado. E os da casa de Israel saberão desde aquele dia em diante, que eu sou o Senhor Deus. E as nações saberão que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados em cativeiro; porque se houveram traiçoeiramente para comigo, e eu escondi deles o meu rosto; por isso os entreguei nas mãos de seus adversários, e

todos caíram à espada. Conforme a sua imundícia e conforme as suas transgressões me houve com eles, e escondi deles o meu rosto.

Portanto assim diz o Senhor Deus: Agora tornarei a trazer Jacó, e me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome. E eles se esquecerão tanto do seu opróbrio, como de todas as suas infidelidades pelas quais transgrediram contra mim, quando eles habitarem seguros na sua terra, sem haver quem os amedronte; quando eu os tornar a trazer de entre os povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos, e for santificado neles aos olhos de muitas nações. Então saberão que eu sou o Senhor seu Deus, vendo que eu os fiz ir em cativo entre as nações, e os tornei a ajuntar para a sua terra. Não deixarei lá nenhum deles; nem lhes esconderei mais o meu rosto; pois derramei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus.

O enredo da história dos capítulos 38-39 de Ezequiel trata de uma nação imperial invasora que vem do Norte, semelhante a Assíria ou a Babilônia, mas sem uma identificação precisa. Aparentemente, a existência de Magog é ficcional e revela que pode ser tanto uma nação conhecida que irá ressurgir belicamente, quanto uma nova nação bélica, até então desconhecida pelos israelitas da época.<sup>116</sup>

O surgimento bélico dessa nação, assim como o seu aniquilamento (39.1-6) é tratado como obra de Yahweh (38.17). A guerra travada contra Gog, rei de Magog é um embate de dimensões cósmicas, que reunirá exércitos de locais dos confins da terra, representantes de reinos de localização imprecisa (38.5,6). Exércitos desses reinos se levantaram contra um Israel que estava habitando pacificamente e foram destruídos pelo Senhor. Após a derrota, armas são recolhidas e destruídas numa grande fogueira, os mortos são sepultados e a terra purificada. Depois, segue-se a comemoração de Israel pela vitória de Yahweh.

O texto dos capítulos 38 e 39 de Ezequiel, como já mencionado, está inserido no conjunto da temática de todo o bloco que vai dos capítulos 33 a 48. Ou seja, estes dois capítulos fazem parte do que se denomina de oráculos de salvação ou profecias sobre a restauração final de Israel. Uma última seção é colocada após as profecias contra Israel (1-24) e as profecias contra os vizinhos de Israel (25-32).

Esta última parte do livro, por sua vez, é comumente dividida em três seções: a) uma doutrina nova para um mundo novo (33-37); b) a última grande guerra (38-39); e c) um novo templo (40-48). Portanto, os capítulos 38 e 39 formam uma unidade temática da segunda seção, da terceira e última parte do Livro do Profeta Ezequiel.

---

<sup>116</sup> Em Gênesis 10.2, Magog é mencionado como um dos netos de Noé, filho de Jafé, que nasceu após o dilúvio. Magog é apresentado como irmão de Tubal.



Como é visível mediante o ponto de vista da temática, o bloco 38-39 está inserido no meio das profecias de restauração após a queda de Jerusalém. Nestas, não só Israel seria restaurado, mas também o Templo com o retorno da glória de Yahweh para ele e a assunção ao trono do próprio Yahweh que governaria com justiça e equidade.

Assevera-se como prova cabal de que o texto de Ez 38-39 está deslocado, o fato de que até mesmo, o oráculo contra Gog e Magog destoa dos oráculos ezequielenses contra as nações. Neste sentido Samuel Almada diz:

No plano literário, destoa do gênero clássico de oráculos contra as nações vistos anteriormente, apresentando alguns elementos típicos da literatura apocalíptica, comparáveis a outros textos proféticos semelhantes (cf. Is 24-27; Zc 9-14, Joel). Situa-se no plano supra-histórico, faz referências ao fim dos tempos (aqueles dias, o fim dos dias), descreve cataclismos e transtornos cósmicos, verifica-se que os acontecimentos foram anunciados previamente.<sup>117</sup>

Desta feita, está patente, portanto, que este bloco 38-39 está redacionalmente deslocado nesta seção, haja vista tratar de um oráculo contra uma nação específica. A semelhança com a seção reside somente no fato de que tal batalha acontecerá no futuro.

### 3.1.2 O processo de formação de Ezequiel 38-39

Sobre o processo de formação do bloco 38-39 optamos pela prevalência de duas teorias. A primeira diz respeito a uma adição posterior desses capítulos ao livro por edição. Esta teoria coloca a redação em época posterior, como vimos anteriormente, persa ou helenista, e também descarta a originalidade da autoria de Ezequiel. Nesse sentido, corrobora com John B. Taylor<sup>118</sup> quando diz que a composição é “separada, escrita num gênero literário diferente, e acrescentados a 1-37 como um pós-escrito e, de que 40-48 eram um apêndice posterior desenvolvido sobre o capítulo final da obra original 1-37.”<sup>119</sup>

<sup>117</sup> ALMADA, 2000, p. 128.

<sup>118</sup> Em *Ezequiel – introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1984. p. 217.

<sup>119</sup> Para comprovar sua hipótese, John B. Taylor utiliza Flávio Josefo como argumento. O autor coloca que Flávio Josefo considerou a possibilidade de Ezequiel ser, na verdade, dois livros. Josefo, diz ele, considerava os capítulos 40-48 como um apêndice isolado, que circulou tempos depois da obra acabada que foi dos capítulos 1-39. Assim, os oráculos contra Gog são a parte final apropriada para uma obra profética, pois no final, o mal que se levantou contra Israel, seria

Schökel também aponta nesse sentido quando diz que o autor do referido bloco é posterior e, assim como acontece com outras “escatologias” do Antigo Testamento, fornece Isaias como exemplo.<sup>120</sup>

Robert R. Wilson, ao elaborar outra teoria, pondera sobre algo interessante. Para o autor, Ezequiel não gozava de muito prestígio junto aos exilados. Por isso, suas profecias sempre tiveram pouco impacto na sociedade israelita. Assim, ele coloca que Ezequiel deve ter se isolado para escrever parte de suas profecias, já que alguns fragmentos eram demais complexos para serem transmitidos oralmente. Neste contexto, certamente havia com ele um grupo de sustentação que também marginalizado, mas se autoreconhecendo como o único portador da mensagem de Yahweh, começa a se utilizar de códigos criptografados na edição do texto de Ezequiel. Segundo Robert R. Wilson, a utilização desses códigos fez o grupo enveredar pelos caminhos da apocalíptica. Ele diz que “o material apocalíptico em Ez 38-39 pode ter sido acrescentado por esta época com o fim de dar ao grupo esperanças de que seu programa de reconstrução (Ez 40-48) um dia se realizaria.”<sup>121</sup>

Por fim, o bloco é citado textualmente no livro de Apocalipse 20.7-10, onde a ideia de ajuntamento de nações contra a Igreja de Cristo é assemelhada a esta ajuntamento de Gog contra Israel, como se este fosse uma prefiguração da Igreja. Além dessa citação, o texto de Apocalipse 19.20 menciona, indiretamente, o texto das aves sentadas à mesa de Deus comendo corpos que se encontra em Ezequiel 39.17-20.

### 3.1.3 Traços da literatura apocalíptica em Ezequiel 38-39

A temática do capítulo 38 é a ascensão de Gog. Este rei é descrito como um arrogante conquistador que se levanta para combater uma nação de gente pacata e que vive em paz. J. Severino Croatto<sup>122</sup> relata que esta é uma linguagem textual clara de oposição: “os pensamentos que sobem ao coração de Gog (v. 10) são

---

finalmente aniquilado quando este já tinha sido restaurado, com o ajuntamento de todos israelitas, vivendo em paz (1984, p. 216).

<sup>120</sup> Em SCHÖKEL, L. Alonso; DÍAZ, J. L. Sicre. *Profetas II: Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*. Coleção Grande Comentário Bíblico. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 852.

<sup>121</sup> Em *Profecia e sociedade no Antigo Israel*. 2. ed., rev. São Paulo: Targumin/Paulus, 2006. p. 332-333.

<sup>122</sup> Em *O discurso dos tiranos em textos proféticos e apocalípticos*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA. n. 8. v.1. Petrópolis: Vozes, 199. p. 38.

precisamente esses. A oposição entre o opressor e o oprimido é clara: este produz, aquele despoja”. Nessa mesma toada de compreensão do texto sob o viés econômico, de modo que este reflita uma luta dos poderosos contra os mais humildes, lembrando que alguns dos povos arregimentados para a guerra por Gog<sup>123</sup> são atores conhecidos no comércio mundial, Nestor O. Miguez declara que este tipo de discurso é contemplado na literatura apocalíptica:

*Si bien se puede señalar que una gran parte de los textos bíblicos son relatos desde los pobres, marginados, victimizados, la literatura apocalíptica constituye un lugar por excelencia para su expresión. Porque la apocalíptica trata de ubicar el presente en una perspectiva histórica global, desentrañar las dimensiones transcendentales de los hechos históricos. En la apocalíptica también el futuro es leído desde la víctima, desde una víctima que no se resigna, que mantiene la esperanza de la justicia [...]. Lo económico no está ausente de la apocalíptica. Desde que lo económico es también una forma de victimación, la redención de la víctima implica también la reversión de los mecanismos económicos de victimación.*<sup>124</sup>

Outra temática interessante no capítulo 38 diz respeito aos relatos da guerra cósmica. Os versos de 19-22 envolvem várias dimensões da natureza na ira de Yahweh. Forças naturais foram utilizadas na guerra contra Gog de modo a demonstrar o caráter universal das ações de Yahweh. Ele é um deus que ordena sobre a história e além desta, pois, primeiramente, ordena sobre a terra inteira.

Num primeiro momento, o capítulo 39 é uma continuação do anterior, relatando o que sucede após a subida dos exércitos de Gog às montanhas de Israel. O capítulo começa com a descrição de como será a aniquilação de Gog. Depois, coloca a temática do enterro e da purificação.

No final do capítulo 39, as temáticas das duas perícopes se dissociam um pouco daquela iniciada no capítulo 38, e parecem preparar o leitor para o capítulo 40, pois, envolvem festividades e restauração, respectivamente. Do capítulo 40 em diante, temos o relato sobre o restabelecimento do Templo.

<sup>123</sup> Ezequiel 38.5-7 – as nações aqui identificadas aparecem na lista de comércio de Tiro, segundo Daniel Block (BLOCK, 2012, p. 402).

<sup>124</sup> Em *La apocalíptica y la economía: lectura textos apocalípticos desde la experiencia de la exclusión económica*. Revista Bíblica. Año 59. N. 65, 1997, p. 20. Tradução própria: “Enquanto podemos dizer que a maior parte dos textos bíblicos são histórias dos pobres, marginalizados, vitimizados, a literatura apocalíptica é um lugar, por excelência, para a sua expressão. Pois, a apocalíptica tenta colocar isso em uma perspectiva histórica global, desvendar a dimensão transcendente dos fatos históricos. Na apocalíptica, também o futuro é lido pelo ponto de vista da vítima, de uma vítima que não se resigna, que mantém a esperança da justiça [...]. A economia não está ausente da apocalíptica. Já que a economia é também uma forma de vitimização, a redenção da vítima também envolve a reversão dos mecanismos econômicos de vitimização.”

Como vemos, estes capítulos foram escritos recheados de simbolismos. No capítulo 39.9, 12, 14, por exemplo, há claro jogo com o número sete.<sup>125</sup> Geralmente associado à perfeição, a utilização do referido número remete à ideia de uma obra totalmente acabada, isto é, não haverá mais outra guerra como aquela, outra cidade como aquela, pois, o que se seguirá depois é a eternidade, na visão de Ezequiel.

Outro simbolismo, segundo Samuel Pagán, é o ajuntamento de nações para guerrear contra Israel. Para o autor, esta junção é um clássico na profecia, tendo em vista o sentido de exaltar o poder divino em relação à vitória quanto às alianças militares.<sup>126</sup>

Para falar de simbolismos nesse íterim, Norman Cohn pontua que Yahweh planejou a guerra cósmica para dizer às nações que seu poder não tem limites. Da mesma forma que um Gog e Magog míticos, o simbolismo representa os ímpios cujo alcance é universal e absoluto. Assim, destruir os ímpios é destruir as forças do caos, o que favorece o triunfo final de Yahweh e a justificação final de seu povo.<sup>127</sup>

Ademais, Daniel Block pontua ainda que algumas características estilísticas de Ez 38-39 assemelham-se aos conteúdos dos textos apocalípticos, como<sup>128</sup>:

- a) conflito entre Yahweh e os inimigos de Israel;
- b) soberania cósmica de Yahweh;
- c) existência de forças da natureza na consumação;
- d) existência de simbolismo nos nomes de Gog, Magog e na predominância do número sete e;
- e) estrutura atemporal do texto.

Outro autor a salientar as semelhanças estilísticas com a literatura apocalíptica é A. B. Davidson. Ele esclarece que após o “dia do Senhor”, um dia cataclísmico, se seguiria um tempo de paz e de felicidade:

*Such is the meaning of this last act in drama of the world's history. As it is Jehovah's final revelation of Himself to all the nations of the Earth, it is accompanied by all those terrors and convulsions in nature which in earlier prophets usually signalise the day of the Lord. This indeed is peculiar in Ezek that he places Jehovah's great and last revelation of Himself after the restoration of His people to peace and felicity, while in the earlier prophets it precedes or accompanies their restoration; as it does even in prophets after*

<sup>125</sup> John B. Taylor também fala em sete oráculos, nos capítulos 38-39, introduzidos pela fórmula “Assim diz o Senhor”, a saber: 38.3-9, 10-13, 14-16, 17-23; 39.1-16, 17-24, 25-29 (TAYLOR, 1984, p. 217).

<sup>126</sup> Em *Ezequiel y Daniel*. Serie Conozca su Biblia. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2010, p. 103.

<sup>127</sup> COHN, 1996, p. 213-214.

<sup>128</sup> BLOCK, 2012, p. 394.

*him. In this order he is followed by the Apocalypse [...]. The same circle of ideas appears in the passage relating to the period of a thousand years in the Apocalypse: outside the historical world there remain distant nations unaffected by the kingdom of Christ [...]. In the earlier prophets this manifestation of His majesty by Jehovah usually precedes or accompanies the final restoration of His people, here it is postponed until long after they have entered upon the rest of God in their own land. In the other words that which earlier writers view as one scene, comprising Jehovah's revelation of Himself and the final restoration of His people, is resolved into two, one of which takes place long after the other. The same difference is observable in the New Tes between the representation of the Apocalyptist and that of the other writers.<sup>129</sup>*

Walter Eichrodt coloca que uma miraculosa intervenção divina na guerra, como a apontada por Ezequiel, é linguagem típica de outra forma de literatura, e que esses capítulos provam que houve uma transformação na profecia, pois, tornaram-se um “*turning-point*” ao colocarem que todo ataque a Israel terá sua decisão final em Yahweh. Ele conclui dizendo que esta é uma linha de pensamento que será seguida pela apocalíptica, citando como exemplo Apocalipse 20.<sup>130</sup>

### 3.2 O texto como exemplar da protoapocalíptica

A questão central do livro de Ezequiel é a restauração de Jerusalém e suas principais estruturas de ordens (monarquia e templo). De maneira escatológica e antitética (comparando a comunidade pecadora que levou Jerusalém à queda e a comunidade ideal do futuro), o autor liberta Israel e julga as nações vizinhas utilizando-se, para isso, até mesmo de uma guerra cósmica, como exemplificado com os capítulos em estudo.

<sup>129</sup> Em *The book of the prophet Ezequiel*. Cambridge: University Press, 1916. p. 298, p. 302, p. 305. Tradução própria: “Tal é o significado deste último ato no drama da história humana. Como é a revelação final de Jeová de si mesmo para todas as nações da Terra, ele será acompanhado por todos os terrores e as convulsões da natureza, aquilo os profetas anteriores chamaram de ‘o dia do Senhor’. Este fato é peculiar em Ez, pois ele coloca a grande e última revelação de si mesmo de Jeová, após a restauração do seu povo à paz e à felicidade, enquanto nos profetas anteriores, ela precede ou acompanha a sua restauração; como acontece nos profetas depois dele. Neste caminho, ele é seguido pelo Apocalipse [...]. O mesmo círculo de ideias aparece na passagem relativa ao período de mil anos no Apocalipse: fora do mundo histórico subsistem nações distantes e não afetadas pelo reino de Cristo [...]. Nos profetas anteriores esta manifestação de majestade de Jeová, geralmente precede ou acompanha a restauração final de seu povo, mas aqui isto é adiado até muito tempo depois de terem entrado no descanso de Deus em sua própria terra. Em outras palavras aquilo que os escritores anteriores veem como uma cena, compreendendo a revelação de si mesmo de Jeová e da restauração final de seu povo, aqui é resolvido em duas, uma das quais tem lugar muito tempo após a outra. A mesma diferença é observável no Novo Testamento, entre a representação do apocalipsista e dos outros escritores.”

<sup>130</sup> Em *Ezekiel – a commentary*. The Old Testament Lybrary. Philadelphia: The Westminster Press, 1970. p. 521.

Esta redação antitética, recheada de repetições e paralelismos, nos permite concluir que o texto é poético e que o livro pertence à literatura profética. No entanto, pela existência de elementos criptográficos que dão a entender que o mesmo só pode ser interpretado por pessoas conhecedoras do “código”, o texto pode ser interpretado como de caráter apocalíptico.

Acerca de tal característica, contam também a favor, a existência de elementos tipicamente apocalípticos como os que constituem a descrição do terror, tais como os terremotos, o envolvimento de animais na narrativa, as espadas, a peste, o fogo e os cadáveres. Além da já mencionada existência enigmática do número sete.

Nesse rumor, de reconhecer no texto elementos apocalípticos, Walther Zimmerli não consente explicitamente que Ez 38-39 é de literatura apocalíptica, mas, aponta que Ezequiel pode ter dado um primeiro passo no caminho da apocalíptica. Segundo o autor, Ezequiel parece sinalizar, no final do seu livro, mormente nos capítulos 34-48, para uma espécie de segundo estágio da profecia, ou “*second stage of divine activity*”, quando apresenta um quadro apocalíptico promovido pelo tríduo: ajuntamento-guerra-restauração. Mesmo assim, a análise adverte que é apenas uma especulação e que os textos, de tão enigmáticos, não podem ser sistematizados como se estivessem em uma sequência temporal.<sup>131</sup>

Segundo Daniel Block, foi F. Hitzig quem primeiro atribuiu a estes dois capítulos a referida classificação, conforme a qual, os mesmos eram pertencentes ao gênero apocalíptico. O que, segundo ele, foi uma análise seguida por Cooke, Ahroni e outros. Porém, ele pontua que seguindo a definição clássica de John J. Collins sobre apocalipse<sup>132</sup>, estes textos não se encaixariam integralmente como apocalípticos.<sup>133</sup>

Assim, para Daniel Block, esse não é um texto apocalíptico.<sup>134</sup> Na opinião dele, o tempo é colocado de forma presente com expressões como “depois de muitos dias/anos” e “naquele dia”, o que impede a compreensão dessa profecia

<sup>131</sup> Em *Ezekiel – a commentary on the Book of the Prophet Ezekiel*. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary of the Bible. v. 2. Philadelphia: Fortress Press, 1983. p. 304.

<sup>132</sup> A definição de J. J. Collins que Block coloca é a que classifica como apocalipse um texto de revelação divina que tenha, obrigatoriamente, a mediação de um ser angelical, o que, como já percebido no texto de 38-39, não ocorre.

<sup>133</sup> BLOCK, 2012, p. 393.

<sup>134</sup> Apesar de esquivar-se em oferecer uma classificação para o texto de Ez 38-39, Block pondera que o texto pode ser classificado como uma “historieta caricaturesca literária satírica” (BLOCK, 2012, p. 396).

como algo projetado para um futuro atemporal. O foco, para Block, continua no próprio Israel e não no cosmos. Gog não conquista o mundo, ele reúne o mundo apenas para invadir Israel. Feitas essas ponderações, ele conclui que o texto não é possível de classificação formal baseada apenas na estrutura.<sup>135</sup>

Além de Block, G. Foher e E. Sellin também assinalam haver uma interpretação errônea sobre estes capítulos e, acrescenta ainda, que falta ao autor de Ezequiel todas as características do gênero apocalíptico.<sup>136</sup>

As interpretações teológicas dos textos de Ez 38-39 também levam para uma linguagem utilizada em textos apocalípticos. Após a derrota de Gog, por exemplo, o trabalho de enterrar corpos soa como um gesto de purificação. Aqui, é inevitável a comparação com os textos do livro do Apocalipse nos quais, os mesmos elementos existem (Ap 19.18; 20.5,9). A antítese cadáveres (corrupção) e sobreviventes (purificação), é um aspecto presente em ambas as narrativas.

Outro apontamento teológico que é feito é com relação a recepção que estes textos receberam na tradição judaica e cristã. Segundo Daniel Block, na tradição judaica, apesar da vitória contra Gog ser do próprio Yahweh, um messias é esperado como a encarnação de Deus contra as hostes do mal.<sup>137</sup>

A apocalíptica cristã, como vimos, também se apropria deste oráculo e João, no Apocalipse, chega a dar alguns detalhes que Ezequiel omite, fazendo-nos pensar que Gog corresponde à figura apocalíptica da besta. Por fim, João parece reinterpretar a passagem em que Yahweh faz Gog se volver com anzóis em sua boca (Ez 38.4-6), como sendo a soltura do adversário da prisão (Ap 20.7).<sup>138</sup>

Entretanto, Daniel Block relembra que é João quem faz a releitura de Ezequiel para levar o oráculo contra Gog a dimensões ultranacionais, em verdade, universais. Ele relembra que a mensagem original diz respeito somente a Israel.<sup>139</sup>

Podemos então, para fins de melhor esclarecimento, pontuar quais as características mais específicas da literatura apocalíptica que listamos no primeiro capítulo, e que estão presentes no oráculo de Gog (Ez 38-39):

<sup>135</sup> BLOCK, 2012, p. 394-395.

<sup>136</sup> FOHRER; SELLIN, 2012, p. 585.

<sup>137</sup> BLOCK, 2012, p. 445; ZIMMERLI, 1983, p. 322

<sup>138</sup> BLOCK, 2012, v.2, p. 445-447.

<sup>139</sup> BLOCK, 2012, v.2, p. 448.

<b>Elementos</b>	<b>Literatura apocalíptica</b>	<b>Ezequiel 38-39</b>
- Presença dos anjos nas comunicações entre o mundo habitado pelos homens e as regiões celestes e em guerras nessas regiões que influenciam diretamente neste mundo	SIM	NÃO
- Perspectiva de salvação além-história, escatológica, tendo como solução a restauração da ordem inicial das coisas	SIM	SIM
- Crítica velada ao poder e àqueles que o exercem	SIM	SIM
- Papel da mulher preponderante, mas dual	SIM	NÃO
- Dualismo cósmico: forças antagônicas do bem e do mal lutam entre si	SIM	SIM
- Reinvidicação teológica do pequeno Israel como povo eleito de Yahweh em oposição aos soberanos dos grandes impérios	SIM	SIM

Fonte: Próprio autor.

Desta forma, diante dos componentes expostos no quadro, apenas dois elementos caracterizadores da literatura apocalíptica não estão presentes no texto de Ez 38-39, o que, convenhamos, é pouco para descaracterizá-lo totalmente, como um exemplo dessa literatura.

Além disso, devemos ressaltar dois aspectos sobre a presença de elementos característicos da literatura apocalíptica no texto de Ez 38-39. O primeiro deles diz respeito a outro critério, mais macro, de características apontadas no capítulo inicial: crise, resiliência e esperança. Percebe-se que o oráculo contra Gog possui estas três características. O pequeno e pacato Israel, povo escolhido de Yahweh, vive em paz até que mais uma crise se abate sobre ele, uma confederação de nações lhe faz guerra e desta vez sem que Israel tenha cometido nenhum pecado que provocasse a ira de Yahweh para isso. Essa é uma situação de crise! Resta então, esperar a salvação de Yahweh, por meio de uma resiliência que se configura numa resistência pacífica, que suporta todas as pressões de um exército de multidões às suas portas. E claro, esperar o socorro de Yahweh com esperança, aquela que vem após muita espera e angústia. Aguardar que Yahweh, de modo sobrenatural, vença o inimigo e transforme radicalmente todas as coisas, mais uma vez.



Outro aspecto é levantado por Ludovico Garmus. O autor declara que Ezequiel pertencia à tradição sacerdotal sadoquita, um grupo milenarista.<sup>140</sup> Assim, o texto de Ezequiel 38-39 estaria de acordo com o pensamento dominante da tradição sacerdotal do profeta. Segundo Garmus, Ez 38-39 tem a função de descrever o reverso da destruição de Israel em 587 a.C.<sup>141</sup>

É largamente difundida a concepção de que grupos milenaristas possuem a tendência de acreditar que este período de paz será precedido por uma batalha final escatológica, de dimensões cósmicas, onde Yahweh demonstrará que é o senhor do universo. Essa característica nos faz pensar que o grupo de sustentação de Ezequiel era milenarista, o que gerou a escrita do oráculo de Gog, como o fim perfeito e acabado do seu livro.

Assim, é possível que essa parte do Livro de Ezequiel encerre os elementos preliminares da apocalíptica, haja vista ser descrita nele uma luta contra Israel, mas que ganha dimensões universais, pois, uma nação enigmática (uso de criptografia) acaba por congregar outras ao redor do mundo. Essa luta é levada para uma concepção escatológica quando coloca um discurso atemporal de restauração de Israel, do Templo e do mundo.

Além disso, essa concepção escatológica é recheada de elementos diferenciadores. Um deles, a divisão igualitária da terra no novo mundo sem levar em consideração o tamanho da tribo, nem seu peso econômico, diferente do que ocorre no Pentateuco, é bem intrigante. Tão enigmático como é o novo posicionamento das tribos na terra prometida, com tribos do Norte habitando no Sul. No governo teocrático, é o Senhor, e não um rei, quem guerreia e vence, dominando sobre tudo e todos, inclusive sobre o príncipe e os sacerdotes. Com paz, justiça e equidade, o que seria este novo período da história senão a implantação do Reino de Deus.

---

<sup>140</sup> Garmus define o grupo assim: “Este grupo tinha uma mentalidade apocalíptica ou milenarista, que passou por uma fase de radicalização de suas expectativas quando a realidade da restauração no início do pós-exílio estava aquém de seus projetos do novo templo sonhados em Ez 40–48. Em seguida, esse mesmo grupo, dominante em sua sociedade, mas dominado pelos persas, chegou a uma rotinização de suas expectativas milenaristas, que se conformam com a realidade concreta. GARMUS, 2000, p. 46.

<sup>141</sup> GARMUS, 2000, p. 41.

Portanto, é possível posicionar estes capítulos 38-39 de Ezequiel como sendo um texto de tradição apocalíptica, pelo menos no limiar da transição entre a literatura profética e a apocalíptica.<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> De Lacy declara que aceitação de Ezequiel no cânon judaico se deu ao fato de que havia o reconhecimento de textos apocalípticos no livro, assim como em Zacarias e em Daniel. Em DE LACY, 2006, p. 202.



## CONCLUSÃO

Assevera-se que esta reflexão ainda está no campo da suspeita e da hipótese, porém, demonstramos que há motivos para acreditar e continuar pesquisando sobre aquilo que denominamos de protoapocalíptica presente no texto dos capítulos 38-39 de Ezequiel. Os referidos escritos apresentados neste trabalho, possuidores de características embrionariamente apocalípticas, carecem ser melhor examinados mediante a apreciação de maior variedade de elementos textuais dos originais, para que se demonstre, de maneira mais acurada, a relevância de nossa hipótese.

Pensamos que, à medida que demonstre pertinentes os delineamentos dessa pesquisa, abrir-se-ão oportunidades de novas investigações, uma vez que não temos informações precisas sobre linguagem apocalíptica em outros textos proféticos, afora casos bastante sintomáticos como Daniel, por exemplo. Prevemos que assim como ocorreu com Ezequiel, em outros profetas serão encontrados textos que podem possuir traços de literatura apocalíptica.

Este estudo acerca das origens da apocalíptica e da maneira com que ela influenciou no surgimento do Cristianismo e de sua literatura, tem comprovado a importância dessa literatura para melhor compreender o desenvolvimento dessa religião e, até mesmo, particularidades do mundo que vivemos nos dias hodiernos.

No capítulo inicial desse trabalho, procuramos descrever de que maneira a apocalíptica pode ter se originado no livro do profeta Ezequiel. Nele, foram elencadas as definições. Apontamos o que é a literatura apocalíptica, suas características, objetivando demonstrar sua relação e diferenciação com a profecia clássica, e como a apocalíptica se desenvolveu historicamente até o início do Cristianismo. Essas etapas discursivas foram importantes porque nortearam as argumentações do terceiro capítulo.

No capítulo dois, procuramos desenvolver uma teoria sobre as etapas da composição do livro de Ezequiel. Esta etapa do referido estudo nos impôs a tarefa de delinear como era mundo de Ezequiel, o ambiente social que viveu, que mensagem profética pregava, para melhor entender como a apocalíptica poderia ter brotado em seu ministério. Foi preciso analisar também o processo de formação do livro do profeta, incluindo como a possibilidade de vários redatores até a composição

final pode ter influenciado no aparecimento do texto dos capítulos 38-39, isto é, como esse ajustamento pode ter instigado e contribuído para o alvorecer da apocalíptica no livro.

O terceiro capítulo, por sua vez, foi dedicado à apresentação e comentários sobre os capítulos 38-39 de Ezequiel, os quais nos aventuramos a pontuar como possuidores de traços da linguagem apocalíptica. A grande dificuldade nesse capítulo foi demonstrar o processo de formação do citado trecho do livro, em especial. Ao apontarmos as características apocalípticas no texto, demonstramos que nossa hipótese de pesquisa possui sentido e que existem nuances apocalípticas nessa parte do livro do profeta Ezequiel, sendo que, neste trecho, em especial, por se tratar de um profeta do período do exílio, pode ser o indício do nascimento dos primeiros rascunhos da linguagem apocalíptica, uma protoapocalíptica.

Essa pesquisa, no entanto, não dá por encerrada a discussão e, nem mesmo, nega a possibilidade de haver teorias e hipóteses contrárias. Ademais, ela aponta para novas tarefas investigativas em busca não somente de elucidar ainda mais tudo o que foi detectado, assim como de encontrar outros possíveis textos de expressão apocalíptica. Além disso, como já anteriormente afirmamos, abre-se um leque para se realizar uma ampla discussão em torno de outros profetas, na tentativa de averiguar a existência de linguagem apocalíptica neles.

## REFERÊNCIAS

- ALMADA, Samuel. *A profecia de Ezequiel: sinais de esperança para os exilados. Oráculos, visões e estruturas*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA. n. 35/36, Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, p. 116-135, 2000.
- ASURMENDI, Jesus. *Profetismo – das origens à época moderna*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BLOCK, Daniel I. *Comentários do Antigo Testamento – Ezequiel*. v. 1 e 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica – uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- COLLINS, John J. *Escatologia apocalíptica como a transcendência da morte. Religião de visionários – apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. Coleção Bíblica Loyola, nº 48. São Paulo: Loyola, p. 81-107, 2005.
- COLLINS, John J. *Cosmos and salvation: Jewish wisdom and apocalyptic in the hellenistic age*. History of religions. Chicago: University of Chicago. v. 17(2), p. 121-142, 1977.
- COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá – as origens das crenças no apocalipse*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- CROATTO, J. Severino. *O discurso dos tiranos em textos proféticos e apocalípticos*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA. n. 8, v. 1. Petrópolis: Vozes, p. 33-45, 1991.
- DAVIDSON, A. B. *The book of the prophet Ezequiel*. Cambridge: University Press, 1916.
- DELCOR, M. *Le milieu d'origine et le développement de l'apocalyptique juive. Le littérature juive entre Tenach et Mischina – quelques problèmes*. Belgiun: E. J. Brill, p. 101-117, 1974.
- DE LACY, J. M. Abrego. *Os livros proféticos*. Coleção Introdução ao estudo da Bíblia. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- EICHRODT, Walter. *Ezekiel – a commentary*. The Old Testament Lybrary. Philadelphia: The Westminster Press, 1970.
- ERLING, B. *Ezekiel 38-39 and the Origins of Jewish Apooocalyptic*. Ex Orbe Religionum II (Studia G. Widengren). Leiden, p. 104-114, 1972.
- FOHRER, Georg, SELLIN, Ernest. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus, 2012.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2012.

GARMUS, Ludovico. *Traços apocalípticos em Ezequiel 38-39*. Estudos Bíblicos. n. 65. Petrópolis/São Leopoldo: Editora Vozes/Sinodal, p. 35-47, 2000.

GASS, Ildo Bohn. *Exílio Babilônico e Dominação Persa*. Uma introdução à Bíblia – Primeiro Testamento – a serviço da leitura libertadora da Bíblia. v. 5. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Cebi, 2004.

GHELLI, Leônidas Ramos. *A influência da apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós*. Dissertação. São Leopoldo: EST/PPG, 2013.

KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio – uma interpretação teológica*. Coleção Temas Bíblicos. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2012.

KOCH, Klaus. *Whats is apocalyptic? An Attempt at a preliminar Definition (1972)*. Visionaries and their Apocalypses. Issues in Religion and Theology 4. Philadelphia: Fortress Press/London: SPCK, p. 16-36, 1983.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2. ed., reimp. São Paulo: Vida Nova, 2009.

MAIER, Johann. *Entre dois testamentos – história e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005.

MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta – o Apocalipse de João: uma chave de leitura*. São Paulo: Paulus, 2012.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*. 2. ed. Comentário Bíblico Latinoamericano do Novo Testamento. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013.

MIGUEZ, Nestor O. *La apocalíptica y la economia: lectura textos apocalípticos desde la experiência de la exclusión económica*. Revista Bíblica. Año 59, n. 65, p. 17-31, 1997.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O que é apocalipse*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

OTTO, Rudolph. *O Sagrado*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

OKURE, Teresa. *Do Gênesis ao Apocalipse: a apocalíptica na fé bíblica*. Revista Concilium. n. 277-1998/4, São Pulo: Vozes, p. 29-37, 1998.

PÁGAN, Samuel. *Ezequiel y Daniel*. Serie Conozca su Biblia. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2010.

PERDOMO R., E. Alan. *La protesta satirica en Daniel 7: uma lectura evangelica latinoamericana*. Vox Scripturae – Revista Teológica Latino-americana. v. VI, n. 2. dez, São Paulo: Editora Fiel, p. 163-173, 1996.

RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed., rev., v. 1 e 2. São Leopoldo: Targumin/ASTE, 2006.

ROCCA L., Susan M. *Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação de adversidades*. Sofrimento, resiliência e fé – implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, p. 9-27, 2007.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010.

RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino – uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHMID, Konrad. *História da Literatura do Antigo Testamento – uma introdução*. Col. Bíblica Loyola. n. 65. São Paulo: Loyola, 2013.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II: Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*. Coleção Grande Comentário Bíblico. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio – história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2009.

SILVA, Airton José da. *Paideia grega e apocalíptica judaica*. Estudo Bíblicos. v. 29, n. 113, jan./mar. São Paulo: Vozes, pp. 11-21, 2012.

SOARES, Dionísio Oliveira. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*. Revista Horizonte. v. 1, n. 1, 1º sem. Belo Horizonte: PUC-Minas, pp. 99-113, 1997.

SOTELO, Daniel Martins. *O exílio – teologia da retribuição e da esperança de retorno*. Col. História de Israel. v. 3. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

TAYLOR, John B. *Ezequiel – introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

VAWTER, Bruce. *Apocalyptic: its relation to prophecy*. The Catholic Biblical Quarterly. v. 22. Washington DC, p. 33-46, 1960.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no Antigo Israel*. 2. ed., rev. São Paulo: Targumin/Paulus, 2006.

WOODRUFF, Archibald Mulford; NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza Nogueira. *Introdução à apocalíptica no Brasil - uma resenha crítica das publicações dos últimos 30 anos*. Estudos de Religião. Ano XIV. n. 19. São Bernardo do Campo: Umesp, p. 227-245, 2000.

ZIMMERLI, Walther. *Ezekiel – a commentary on the Book of the Prophet Ezekiel*. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary of the Bible. v. 2. Philadelphia: Fortress Press, 1983.